



Universidades Lusíada

Viana, Katya Soares

Validação da escala de conservadorismo e a sua relação com o bem-estar subjectivo

<http://hdl.handle.net/11067/6974>

Metadados

Data de Publicação	2022
Resumo	<p>É ainda pouco clara a relação entre o bem-estar emocional (afeto positivo e negativo) e o conservadorismo social e económico e emocional. O objetivo deste estudo foi avaliar a relação entre o bem-estar emocional e o conservadorismo económico e social, o que incluiu a avaliação das características psicométricas da versão portuguesa da escala de conservadorismo social e económico. Participaram neste estudo 855 indivíduos, 264 do sexo masculino e 567 do sexo feminino, entre os 16 anos e os 88 anos (M...</p> <p>The relationship between emotional well-being (positive and negative affect) and social and economic conservatism is still unclear. The objective of this study was to evaluate the relationship between emotional well-being and economic and social conservatism, which included the evaluation of the psychometric characteristics of the Portuguese version of the social and economic conservatism scale. A total of 855 individuals participated in this study, 264 males and 567 females, aged between 16 and...</p>
Palavras Chave	Psicologia, Psicologia clínica, Bem-estar - Aspectos psicológicos, Teste Psicológico - Positive and Negative Affect Schedule (PANAS)
Tipo	masterThesis
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULP-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-29T11:48:14Z com informação proveniente do Repositório



Universidade Lusíada - Norte
Porto

Validação da Escala de Conservadorismo e a sua Relação com o Bem - Estar Subjetivo

Dissertação de Mestrado em **Psicologia Clínica**

Instituto de Psicologia e Ciências da Educação

Universidade Lusíada - Norte (Porto)

PORTO, 2022

Katya Soares Viana



instituto de psicologia
e Ciências da Educação
Universidade Lusíada - Norte (Porto)



Universidade Lusíada - Norte
Porto

Validação da Escala de Conservadorismo e a sua Relação com o Bem - Estar Subjetivo

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica
Instituto de Psicologia e Ciências da Educação
Universidade Lusíada - Norte (Porto)

PORTO, 2022

Katya Soares Viana

Trabalho efectuado sob a orientação do/a
Professor Doutor Paulo Moreira



instituto de psicologia
e Ciências da Educação
Universidade Lusíada - Norte (Porto)

Agradecimentos

Os intervenientes na construção deste trabalho são muitos, quer pelo seu papel ativo, quer pelo apoio e coragem que me foram transmitindo, por isso não posso deixar de agradecer:

Ao Professor Doutor **Paulo Moreira** pela sua imprescindível ajuda ao longo do último ano. Pela sua disponibilidade, paciência, apoio e exigência na realização desta investigação e por me devolver a capacidade de exprimir sentimentos há muito camuflados.

Ao **Centro de Investigação da Universidade Lusíada** por me possibilitar a recolha de dados e a todos os participantes que colaboraram no preenchimento dos questionários.

À Doutora **Sara Faria**, por me ter permitido participar desta investigação e por todo o apoio disponibilizado.

À minha cunhada, **Gisela**, que se disponibilizou para me auxiliar. Não esqueço a tua ajuda.

À minha amiga **Cidália**, pela confiança e ajuda nas burocracias inerentes aos protocolos, apoio constante e por estar sempre presente na minha vida. À minha amiga **Liliana Lino** por todo o apoio e força, nos momentos em que me apetecia desistir. À minha amiga **Liliana Henriques**, por dedicar muito tempo a entreter a Matilde para que eu pudesse trabalhar e sobretudo por todo o apoio despendido á minha pessoa.

Ao encorajamento, paciência e compreensão da minha **Mãe e do meu Pai** e por vibrarem até com os meus erros e defeitos! Principalmente á minha mãe, que não está cá para ver o sucesso, mas é sobretudo para ti...

Ao meu marido, **Tozé**, pelo apoio incondicional e por depositar em mim a mesma confiança e expectativas de há muitos anos atrás. Obrigada por não me deixares desistir e aturares as minhas lamentações quase diárias. Sem ti este trabalho teria sido demasiado solitário.

A ti, **Matilde**, por me fazeres perceber nos mais singelos gestos e olhares, que na vida não vale desistir e por me receberes sempre com um sorriso rasgado e verdadeiro. O teu olhar doce e profundo faz-me acordar, todos os dias, com um motivo para ser feliz.

Foi por ti e para ti...amo-te

Índice

1 - Introdução	8
1.1-Conservadorismo	9
1.1.1– <i>Escalas que estudam o conservadorismo</i>	12
1.1.2 – <i>Escala de doze itens do conservadorismo Económico e Social (SECS)</i>	15
1.2 – Bem-estar subjetivo (BES)	16
1.2.1 – <i>Teorias e modelos do Bem – estar subjetivo</i>	18
1.3-Bem-estar subjetivo e Conservadorismo	25
1.4-Questões e hipóteses de estudo	28
2– Metodologia	29
2.1 – Participantes	29
2.2 – Instrumentos	32
2.3.2 – <i>Procedimentos e análise de dados</i>	35
3 – Resultados	37
4 – Discussão de resultados	59
4.1 - Validade psicométrica da escala ECSE	59
4.3– Limitações do estudo	67
4.4– Estudos Futuros	68
Referências bibliográficas	69

Índice de tabelas

Tabela 1 - Escalas existentes sobre o conservadorismo	12
Tabela 2 - Caracterização da amostra quanto aos dados Socio-Demográficos	30
Tabela 3 - Teste de KMO e teste de esfericidade de Bartlett	37
Tabela 4 - Variância total explicada	39
Tabela 5 - Matriz de componente rotativa	41
Tabela 6 - Matriz de componente rotativa para três fatores	43
Tabela 7 - Matriz de componente rotativa para dois fatores	45
Tabela 8 - Índices de Ajustamento	51
Tabela 9 - Alpha de Cronbach da escla ECSE e subescalas	53
Tabela 10 - Tabela de estatística de item total	54
Tabela 11 - Médias entre os itens da escala ECSE	55
Tabela 12 - Correlação entre as escalas de conservadorismo	57
Tabela 13 - Correlação entre o afeto e o conservadorismo	58

Índice de figuras

Figura 1 - Modelo 1- Análise Fatorial Confirmatória do modelo de alta correlação da escala ECSE.....	46
Figura 2 - Modelo 1- Análise Fatorial Confirmatória do modelo de alta correlação da escala ECSE (com alterações propostas pela AFC)	47
Figura 3 - Modelo 2- Análise Fatorial Confirmatória do modelo de fatores correlacionados da escala ECSE.....	49
Figura 4 - Modelo 2- Análise Fatorial Confirmatória do modelo de fatores correlacionados da escala ECSE (com alterações propostas pela AFC)	50

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Gráfico de Escarpa.....	40
-------------------------------------	----

Resumo

É ainda pouco clara a relação entre o bem-estar emocional (afeto positivo e negativo) e o conservadorismo social e económico e emocional. O objetivo deste estudo foi avaliar a relação entre o bem-estar emocional e o conservadorismo económico e social, o que incluiu a avaliação das características psicométricas da versão portuguesa da escala de conservadorismo social e económico. Participaram neste estudo 855 indivíduos, 264 do sexo masculino e 567 do sexo feminino, entre os 16 anos e os 88 anos ($M= 33.48$). Foi utilizada a versão portuguesa do PANAS e da Escala de Conservadorismo Social e Económico. Os resultados do estudo de avaliação de estrutura fatorial da Escala de Conservadorismo Económico e Social revelaram que os dados se ajustam a um modelo de análise confirmatória de 2 fatores, de acordo com o sugerido pela versão original. Os resultados das análises de correlações revelaram apenas uma correlação estatisticamente significativa entre Afeto Positivo e Conservadorismo Social. Estes resultados devem, contudo, ser interpretados com cautela, devido às limitações da escala utilizada para a avaliação do conservadorismo social e económico.

Palavras-chave

Conservadorismo político, social e económico, afeto positivo e negativo, Bem-estar Subjetivo.

Abstract

The relationship between emotional well-being (positive and negative affect) and social and economic conservatism is still unclear. The objective of this study was to evaluate the relationship between emotional well-being and economic and social conservatism, which included the evaluation of the psychometric characteristics of the Portuguese version of the social and economic conservatism scale. A total of 855 individuals participated in this study, 264 males and 567 females, aged between 16 and 88 years ($M= 33.48$). The Portuguese version of PANAS and the Social and Economic Conservatism Scale were used. The results of the study evaluating the factorial structure of the Economic and Social Conservatism Scale revealed that the data fit a 2-factor confirmatory analysis model, as suggested by the original version. The result of the correlation analyzes revealed only a statistically significant correlation between Positive Affect and Social Conservatism. These results must, however, be interpreted with caution, due to the limitations of the scale used to assess social and economic conservatism.

Key words

Political, social, and economic conservatism, positive and negative affect, Subjective well-being.

Lista de abreviaturas

ECSE – *Escala de conservadorismo social e económico*

SECS – *Social and Economic Conservatism Scale*

F – Scale – *Fascism scale*

C – Scale – *Conservatism Scale*

GCS – *General Conservatism Scale*

RWAS – *Right – Wing Authoritarianism*

BES – *Bem-estar Subjetivo*

OMS – *Organização Mundial de Saúde*

KMO – *Kaiser – Meyer – Olkin*

NFI – *Normed Fit Index*

SPSS – *Statistical Package for Social Sciences.*

AMOS – *Analysis of Moment Structures*

CFI – *Comparative Fit Index*

TLI – *Tucker-Lewis Index*

NFI – *Normed Fit Index*

RMSEA - *Root Mean Square Error of Aproximation*

BEP – *Bem-estar psicológico*

AN – *Afeto negativo*

AP – *Afeto positivo*

PANAS – *Positive and Negative affect schedul*

1 - Introdução

O bem-estar subjetivo em geral, e o bem-estar emocional, em particular, são componentes importantes da experiência dos indivíduos. Uma das dimensões que interferem na forma como os indivíduos se envolvem na sociedade é a percepção acerca de diferentes fenómenos sociais e económicos, ou seja, a forma como os sujeitos encaram e reagem aos afetos positivos e negativos da sua vida. Um dos construtos propostos para captar este fenómeno é o construto de conservadorismo social e económico.

O construto do conservadorismo imerge com a revolução francesa e prende-se com um tipo de ideologia que defende a conservação das instituições tradicionais e costumes, como: o casamento, a família, a religião, as tradições do passado. Em paralelo, temos o bem-estar subjetivo, que pode estar diretamente relacionado com o conservadorismo, pois se o sujeito não estiver bem consigo mesmo e com os seus costumes, o seu bem-estar poderá estar comprometido, ou seja, o afeto pode estar diretamente relacionado com o conservadorismo ou não.

O pensamento conservador, protege e defende a manutenção e continuação de todos os costumes tradicionais, evitando qualquer tipo de mudança, como por exemplo, o divórcio. (Kirk, R. 1919).

Porém, devemos entender o conservadorismo como um “comportamento” que se encontra em constante mudança, ou seja, os valores conservadoristas vão mudando e modificando, consoante o lugar e o tempo.

Atualmente, há autores que defendem dois tipos de conservadorismo: o conservadorismo clássico e o moderno.

O conservadorismo clássico, prende-se com uma posição ou um sistema de ideias anti - modernas, anti - republicanas e anti - liberais, ou seja, uma reação ideológica e política aos avanços da modernidade. No fundo, o pensamento conservador girava em volta da defesa de determinadas características institucionais do Antigo Regime (Nisbet, 1987).

Por outro lado, o conservadorismo moderno, prende-se com a rejeição de ideias mais recentes, como o aborto, a eutanásia, entre outras.

Desta forma, o pensamento conservador, não é um pensamento estático, mas sim o resultado dos avanços e das modernidades na sociedade de classes, marcadas pelo seu

dinamismo. Este tipo de pensamento, valoriza essencialmente os valores tradicionais como a religião, a família, a corporação, o estado em oposição aos valores modernos e igualitários. (Ferreira e Botelho, 2010).

Desta forma, o conservadorismo é um tipo de pensamento e posição que o sujeito segue e defende, consoante as suas raízes.

Por outro lado, temos o Bem-Estar Subjetivo, que se prende sobretudo como uma avaliação subjetiva acerca da sua própria qualidade de vida, ou seja, é a forma como o sujeito encara os eventos da sua vida.

Esta é uma área que integra estudos relacionados com a felicidade, a satisfação, o afeto positivo e a forma como os sujeitos percebem a sua qualidade de vida, ou seja, os estudos sobre o bem-estar subjetivo referem-se ao que as pessoas pensam e como elas se sentem sobre suas próprias vidas (Giacomoni, 2004).

O bem-estar subjetivo, é assim, diretamente influenciado por afetos positivos e negativos, quanto mais afetos positivos, maior será o nível de bem-estar do sujeito.

Os afetos (positivos e negativos) constituem a dimensão emocional do bem-estar subjetivo (Diener, 1985), que nos últimos anos tem sido uma área muito estudada pela Psicologia Positiva (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000).

Deste modo, o bem-estar subjetivo, relaciona-se com a qualidade de vida dos sujeitos e a forma como os acontecimentos de vida de cada pessoa interferem na sua qualidade de vida e na sua visão de bem-estar na vida.

Assim, nesta dissertação, pretende-se validar a escala de conservadorismo e entender a relação existente ou não entre o conservadorismo e bem-estar subjetivo e emocional.

1.1-Conservadorismo

O conservadorismo é uma ideologia política e ética, que surgiu juntamente com a revolução francesa, com o objetivo principal de criticar os ideais desta revolução, ou seja, é uma crítica aos ideais defendidos pelos socialistas como a igualdade e liberdade, propostos durante a revolução (Burke, 2001).

Desta forma, a liberdade e igualdade, que os revolucionários defendiam durante a revolução francesa é visto, pelos opositores, como algo impossível de alcançar, pois para eles, a única ideologia que faz sentido é o conservadorismo que defende que uma

sociedade necessita de ter desigualdades e isso é que é o normal, pois segundo eles, é impossível alcançar a igualdade e liberdade para todos (Burke, 2001, p.38).

Consequentemente, o conservadorismo é visto como uma postura em que as pessoas defendem o “passado” e criticam o “futuro”, ou seja, os defensores deste pensamento, valorizam ideais como o casamento ser para a vida toda, o homem ser o chefe da casa e abominam comportamentos modernos como o aborto, o divórcio, o casamento homossexual, entre outros.

Segundo Burke (2001), o conservadorismo, defende a afirmação dos valores tradicionais. Pois para os conservadoristas, o caminho a seguir é o caminho do conhecimento e para existir conhecimento é necessário haver experiência. Porém, com as ideias modernas, não há experiência, logo, não pode existir conhecimento. Daí, segundo esta ideologia, o modernismo/liberalismo é algo impraticável, pois não possui experiência para ser sustentado.

De acordo com Castello-Branco (2013), o conservadorismo é uma ideologia que se opõe ao progresso e segundo ele, para impedir essa modernização é necessário existir alguns agentes que façam cumprir as regras. Um deles e se não o mais importante, para este autor, deve ser o Governo, pois só ele tem o maior poder para impedir este avanço da modernização e fazer as regras serem cumpridas.

Kinzo (2001), defende que os conservadoristas, veem Deus como o criador do universo, logo, se este criou a terra, também criou as leis eternas. Por isso os homens, devem respeitá-las e segui-las e não tentar modificá-las. Desta forma, na gênese do pensamento conservador, está presente a concepção do estado como legado de Deus. Isto é, o estado está diretamente ligado e depende da fé de Deus (kinzo, 2001, p.20).

Por conseguinte, as ideias conservadoras sempre estiveram presentes ao longo dos séculos, com alguns avanços e retrocessos, conseguindo nos últimos anos um grande avanço e número de seguidores (Cardoso, 2016). Ainda segundo este autor, o conservadorismo pode ser visto como um ato de racismo, pois é possível notar em diversas ações conservadorista o ódio e a intolerância por tudo o que se contrapõe aos seus pensamentos. Desta forma, os homossexuais, os negros, o aborto, os socialistas e mesmo as mulheres são vistos como uma ameaça á normalidade, no qual, o estado deve tomar medidas para os exterminar em nome dos valores essenciais: a família, a tradição, a igreja e a disciplina. (Cardoso, 2006).

Para Barroco (2015), o conservadorismo é uma postura política que se desenvolve facilmente em momentos de crise. Podemos verificar esse facto ao longo dos tempos,

como por exemplo, na crise mundial de dois mil e oito, foi possível verificar que a extrema-direita alcançou uma grande adesão por parte da população mundial. Esta adesão, segundo o autor, deve-se ao facto de os indivíduos verem nas ideias conservadoras a solução para os problemas em que a sociedade se encontra (Barroco, 2015, p.624).

Deste modo, as épocas de crise, são favoráveis ao conservadorismo, pois estas temporadas são desafiadoras e é nestas temporadas que a população mais procura um aliado político seguro e veem esse aliado no conservadorismo, pois baseia-se na família e na tradição (Tonet, 2016).

Contrariamente a estas abordagens do conservadorismo, temos autores que defendem que esta ideologia, está relacionada apenas com a vida do sujeito, ou seja, tudo depende da sociedade em que o sujeito está inserido e na forma como foi educado.

Segundo, Althusser (1958), a ideologia conservadora, tem por base duas orientações fundamentais: a ideia abstrata das condições reais em que o sujeito vive e o conjunto de valores importantes relativos a essas condições. Portanto, para este autor, a ideologia conservadora, esta relacionada com a estratificação da sociedade, ou seja, as condições de vida do sujeito, são muitas vezes uma predisposição, para se juntarem a esta ideologia.

Segundo, Huntington (1957), o conservadorismo é visto como uma resistência á mudança, em preferência do Status Quo do indivíduo. Sendo assim, o sujeito, irá rejeitar qualquer tipo de mudança, pois isso implicaria igualmente mudança no seu status na sociedade.

Desta forma, segundo a literatura, podemos concluir que o conservadorismo, é uma posição política, social e económica do sujeito em relação a vários aspetos da sociedade.

1.1.1–Escala que estudam o conservadorismo

Ao longo dos anos, temos vindo a observar um crescente estudo á volta da problemática da ideologia política.

A SCES (Social and Economic Conservatism Scale) Everett,2013, é uma das últimas escalas desenvolvidas para estudar a forma como a personalidade influencia a ideologia política e vice-versa. Porém, ao longo dos vários anos, foram desenvolvidas outro tipo de escalas com o propósito de estudar as ideologias políticas, nomeadamente o conservadorismo. Algumas dessas escalas são:

Tabela 1

Escalas existentes sobre o conservadorismo

Escalas do conservadorismo		
Ano	Escala	Autor
1950	F-Scale	Adorno e colegas
1968	C- Scale	Wilson Patterson
1974	Authoritarianism- rebelliousness Scale	Kohn
1978	C- Scale Short – Form	Kirton
1994	SDO Scale	Pratto e Colegas
1996	General Conservatism Scale	Henningham
1998	RWA Scale	Altermeyer
2005	RWA Scale short – form	Zakrisson
2013	Social and Economic Conservatism Scale	Everett

A F-Scale ou escala F em português, é uma escala composta por trinta itens e tem como objetivo medir a personalidade autoritária. Esta é uma escala contruída em 1950 por Adorno e colegas, com o principal objetivo de medir a predisposição de um dado indivíduo para comportamentos fascistas e conservadores. A escala F, mede as seguintes dimensões da personalidade: a identidade com as normas e valores sociais tradicionais, a

passividade em relação à adesão de normas e valores conservadoristas, a vontade de punir e condenar indivíduos que não seguem os valores conservadoristas, se seguem a religião e os valores éticos do passado, a superstição, a potência e "resistência".

Estes autores, pensavam que as pontuações obtidas nesta escala, poderiam estar relacionadas com a educação que os indivíduos receberam, ou seja, se o sujeito for educado de uma forma mais conservadora, teremos uma maior predisposição para uma personalidade mais autoritária.

Porém, esta é uma escala com várias críticas. Alguns investigadores, defendem que os itens de resposta são tendenciosos, pois associavam atitudes sociais a traços da personalidade. Outra das críticas a esta escala é o facto de o indivíduo poder modificar a sua opinião política a qualquer momento, coisa que a escala não considera.

Apesar das observações de que os comunistas pareciam possuir traços característicos de autoridade, há pouca evidência empírica para apoiar essas afirmações (Stone, 1980).

A C-Scale é uma escala de Wilson e Patterson (1968), composta por cinquenta itens, que consistiam em afirmações relacionadas com o conservadorismo em que o sujeito deveria manifestar a sua concordância ou discordância, em relação a cada afirmação. Esta escala, foi atualizada e reduzida algumas vezes. A C-Scale, deu origem à C-Scale short – form de Kirton (1978) e mais tarde à General Conservatism Scale de Henningham (1996).

A escala SDO de Pratto e Colegas (1996), é composta por catorze itens e baseia-se na teoria do domínio social. Esta teoria pretende analisar e explicar os processos e mecanismos que produzem e mantêm as hierarquias sociais. A SDO, surge assim, como uma escala com vista a medir a dominância social de cada sujeito. Segundo Sidanius e Pratto (2004), existem três processos que mantêm a crença na dominância social como: a assimetria comportamental, a discriminação individual e a discriminação institucional. Sendo estes processos, regulados por crenças, valores e ideologias que causam socialmente igualdades ou desigualdades

Porém, esta escala, também foi alvo de várias críticas, nomeadamente pelo facto do seu construto ir mudando drasticamente ao longo dos anos, o que provocou diferentes versões do seu constructo, que acabou por ser um problema para a teoria da dominância social (Rubin e Hewstone, 2004).

Em 1998, surge a escala RWA de Altermeyer, que é composta por trinta itens e tenta medir a personalidade autoritária e a atitude conservadora de cada indivíduo. Porém,

esta escala continha algumas limitações e sofreu algumas mudanças ao longo dos tempos, com a finalidade de resolver certas lacunas, como por exemplo os itens muito longos. A escala original, também continha itens muito ambíguos e palavras extremas que marcavam a posição cultural (Schaffer & Riordan, 2003).

Por esse motivo, a escala foi atualizada várias vezes até chegar à versão produzida por Zakrisson em 2005, onde continha apenas quinze itens.

Os investigadores (Manuel Cardénas e Luís Parras, 2010), têm mostrado com os seus estudos, que a escala RWA, é útil para medir uma série de variáveis psicossociais como: o conservadorismo, a intolerância, a obediência à autoridade e a religião.

Por fim, e a mais recente escala produzida nesta área, remonta a 2013 com a escala de doze itens do conservadorismo económico e social de Everett. Esta escala não vem substituir as outras, mas sim, surge como um colmatar de falhas que existentes ao longo dos tempos no que concerne ao estudo da psicologia política.

Comparativamente com as outras escalas existentes, a SECS, é uma escala mais atualizada nos dias de hoje e inclui temas da sociedade atuais como o aborto ou a homossexualidade, que se relacionam com o conservadorismo e a posição dos indivíduos em relação a elas. A SECS, é composta por doze itens, que tem como principal objetivo medir os chamados aspetos periféricos do conservadorismo, ou seja, pretende-se realizar uma abordagem geral a todos os níveis do conservadorismo, independentemente do partido do sujeito (Everett, 2013).

Desta forma, podemos concluir que ao longo dos anos, foram desenvolvidas várias escalas com o objetivo de medir a posição dos sujeitos relativamente ao conservadorismo e que o contributo de todas elas foi importante para o estudo da psicologia, pois o conservadorismo é uma área de difícil acesso, o que torna difícil a sua medição e avaliação.

1.1.2 – Escala de doze itens do conservadorismo Económico e Social (SECS)

A escala de doze itens do conservadorismo económico e social (SCES), é uma escala produzida por Jim Everett, em 2013 e tem como principal objetivo colmatar as falhas existentes nesta área de estudo da política e da psicologia social e económica.

Apesar, de ao longo dos anos, terem sido produzidas várias escalas, com o objetivo de avaliar o conservadorismo e a forma como os indivíduos se posicionavam politicamente, economicamente e socialmente na sua vida em sociedade, continua a existir várias lacunas na avaliação deste tema. Ao realizarmos uma revisão bibliográfica, podemos constatar, que existem várias escalas que foram concretizadas com o intuito de avaliar o conservadorismo nos indivíduos, podemos também verificar que ao longo dos anos, essas escalas foram sendo modificadas e atualizadas, pois a sociedade foi evoluindo e este tipo de escalas necessitava de evoluir igualmente. Porém, quando pesquisamos a vertente política e psicológica, e apesar do aumento das pesquisas nesta área, continuamos a verificar uma grande lacuna.

Por este motivo, em 2013, Jim Everett, propõe a escala SECS (escala de doze itens do Conservadorismo Económico e social), que tinha como seu principal objetivo, avaliar as vertentes políticas, sociais e económicas.

Desta forma, o principal fundamento desta escala seria medir os aspetos periféricos do conservadorismo, como as atitudes relativas ao governo, aos gastos militares ou mesmo á política de imigração. Para isso, foi criado uma lista de catorze palavras ou frases que incluíam: Aborto, Benefícios sociais, Impostos, Imigração, Governo limitado, Segurança Militar e nacional, Religião, Propriedade da arma, Casamento tradicional, Valores Tradicionais, Responsabilidade Fiscal, Negócios, Unidade Familiar e Patriotismo.

Onde os participantes, teriam de se posicionar numa escala numérica em relação a cada item ou frase, ou seja, o sujeito teria que se posicionar entre 0 e 10 relativamente á palavra ou expressão apresentada. (Everett, 2013).

Ao analisar os resultados, Everett, 2013, reduziu a escala a doze itens, que segundo o autor, são os itens mais representativos do conservadorismo americano.

Desta forma, a escala SCES, não vem substituir todas as outras já existentes, mas sim, surge como uma forma de colmatar as falhas atuais no que concerne às ideologias conservadoras. Quando fazemos uma revisão bibliográfica, denotamos que há muito pouca informação em Portugal acerca do conservadorismo, por isso é importante investir,

nesta área, pois está muito pouco desenvolvida no nosso país. Como já disse anteriormente, não existe literatura que sustente esta ideia, mas a personalidade conservadora, pode estar literalmente ligada a predisposição para a violência ou mesmo para a depressão.

Deste modo, este trabalho, é uma mais-valia para o futuro, apesar de ser só um pequeno avanço no que toca a estes conceitos.

Com esta dissertação, pretende - se, validar a escala SCES para a população portuguesa. Porém, para que fosse possível administrá-la a esta amostra, foi necessário traduzi-la, adaptá-la e consequentemente transformá-la, com o acrescento de dois itens (receber refugiados e eutanásia) para português. Esta adaptação foi realizada pelo Professor Doutor Paulo Moreira, pela Doutora Sara Faria e pelo Doutor Pedro Costa.

Desta transformação resultou a seguinte lista de itens: Aborto, Benefícios sociais, Impostos, Imigração, Governo limitado, Segurança Militar e nacional, Religião, Propriedade da arma, Casamento tradicional, Valores Tradicionais, Responsabilidade Fiscal, Negócios, Unidade Familiar e Patriotismo, que segundo estes autores serão os que terão mais valor fatorial na população portuguesa.

1.2 – Bem-estar subjetivo (BES)

O bem-estar subjetivo, segundo a OMS (organização mundial de saúde), refere que a qualidade de vida é: “A forma como o sujeito percebe a sua vida, ou seja, é a forma positiva ou não, de como o sujeito experiencia a sua vida em relação aos contextos da cultura e dos sistemas de valores em que está inserido e a relação com os seus objetivos e expectativas”.

Desta forma, ao estudarmos a qualidade de vida, pretende-se averiguar quais os fatores que o sujeito percebe como positivos ou negativos, para que desta forma seja possível atuar nos aspetos que o sujeito considera negativos, de forma a melhorar a sua qualidade de vida (Oliveira, 2006).

Por conseguinte, por volta dos anos 60 surge o conceito de bem-estar subjetivo. Este surge como um conceito complexo que abrange dois tipos de áreas: a cognitiva e a afetiva (Ribeiro e Galinha, 2005).

O Bem estar subjetivo, segundo os investigadores é uma área composta por emoções positivas, sentimentos de satisfação e ausência de emoções negativas (Diener, Suh e Oishi, 1997).

Passareli e Silva (2007), defendem que o bem-estar subjetivo é muito importante para a psicologia positiva, porque é um aspeto que sem dúvida conseguirá ajudar na forma como o indivíduo se percebe a si próprio e aos outros, para que encare a sua vida de uma forma mais positiva.

Na mesma perspetiva, Albuquerque e Trocoli (2004), referem que o estudo do bem-estar se prende com a tentativa de compreender a avaliação que as pessoas fazem da sua própria vida e a forma como encaram os seus altos e baixos.

Assim, sendo, o bem-estar subjetivo é uma área da psicologia positiva que tem como principal objetivo entender a forma como o sujeito avalia a sua própria vida e a quantidade de experiências positivas e negativas experienciadas, bem como a forma que essas experiências condicionam ou não a vida do sujeito (Albuquerque e Trocoli, 2004).

Porém mais do que perceber quais os aspetos positivos e negativos das experiências e a forma como condicionam a vida do sujeito, Giacomoni (2004), diz-nos que o estudo do bem-estar subjetivo deve trazer contribuições para melhorar a vida do sujeito, ou seja, depois de percebermos o que afeta ou não a vida do indivíduo, devemos usar os aspetos positivos e reforçá-los de forma a melhorar a qualidade de vida e satisfação, logo, o bem-estar dos indivíduos.

Por conseguinte, podemos afirmar que o bem-estar subjetivo está diretamente ligado com a qualidade de vida, e que esta, está estritamente relacionada com o afeto positivo e negativo.

A componente afetiva do BES, é o resultado das experiências e emoções, de onde surgem afetos positivos e negativos. Deste modo, níveis elevados de satisfação, estão associados a elevados níveis de afetos positivos. (Diener, Lucas, & Oishi, 2005).

Diener, Oishi e Lucas (2003), defendem ainda que o bem-estar subjetivo seria aquilo a que os leigos chamariam de felicidade, prazer ou satisfação com a vida. Estes autores, ainda defendem que as diferentes personalidades e BES, surgem muito cedo na vida do sujeito e que são estáveis ao longo do tempo.

Costa e McCrae (1980), sugerem o modelo dos cinco fatores da personalidade para avaliar os níveis de BES. Seguindo este modelo, Garcia e Erlandsson (2011), concluem que os BES, estaria associado a altos níveis de extroversão e baixos níveis de neuroticismo. Nesta mesma perspetiva, Lucas e Diener (2006), também constataram que extroversão está relacionada com emoções/afeto positivo e o neuroticismo a emoções/afeto negativo relativamente ao BES.

Porem, o conceito de BES, não é consensual, ou seja, difere de autor para autor. Para Ed Diener, Roberta Emmons, Randy j. Larsen, Frank Fujita, Ed Sandvick e Eunkook Suh, o bem-estar é entendido como a qualidade de vida percebida pelo sujeito e segundo esta perspectiva sujeitos com altos níveis de BES, seriam pessoas satisfeitas e felizes com a vida.

Por outro lado, Csikszentmihalyi (1999), considera que a verdadeira felicidade, seria aquela que é seguida ao Flow, sendo que o Flow seria a sensação de ação experimentada nos melhores momentos da vida do sujeito. Na perspectiva deste autor, o BES, esta diretamente relacionado com a felicidade experimentada e esta felicidade seria o resultado de uma vida repleta de várias atividades de Flow.

Numa outra perspectiva, á autores que defendem que o bem-estar-subjetivo, está ligado á satisfação com a própria vida, pois a felicidade percebida é um conceito que pode ser momentâneo, enquanto a satisfação estará menos dependente de situações momentâneas e menos sensível às mudanças de humor do sujeito (Vermunt, Spaam e Zorge, 1989).

Portanto, é possível concluir que ao longo dos anos foram surgindo vários modelos e teorias, com o objetivo de estudar o bem-estar subjetivo e as suas implicações.

1.2.1 – Teorias e modelos do Bem – estar subjetivo

Ao longo dos anos foram surgindo vários modelos sobre o Bem-estar subjetivo (BES). Este conceito, tem vindo a sofrer várias alterações, mudando a perspectiva sobre o ele mesmo.

O conceito de BES, surge no final dos anos 1950, enquanto se procurava indicadores que influenciavam a qualidade de vida (Land, 1975).

Inicialmente o principal objetivo dos investigadores era perceber quais as características que deixariam sujeitos felizes e tentar relacioná-las com as variáveis demográficas, como a idade, género, entre outras. Numa fase mais avançada, o objetivo passa a dar relevância às variáveis temperamentais do sujeito, tais como a capacidade de adaptação para a realização do objetivo pretendido. Por fim, numa outra fase, tenta-se relacionar, analisar e consolidar os processos psicológicos implícitos nas diferentes medidas de bem-estar subjetivo (Galinha, 2008).

Desta forma, ao longo dos anos foram surgindo várias teorias e modelos que tentam explicar e compreender o bem-estar subjetivo.

O Modelo causal bidirecional de BES, defende que existe uma integração entre o bem-estar subjetivo e a psicologia do bem-estar, através de modelos bidirecionais. Segundo este modelo, o BES, pode ser analisado como uma variável de estado e ao mesmo tempo como uma variável traço. Deste modo, segundo, Warr, Batter e Brownbridge (1983), o modelo causal bidirecional reforçaria que o BES poderia ser considerado tanto uma variável de estado quanto de traço, ou seja, em termos tanto disposicionais quanto ambientais (Warr, Batter & Brownbridge, 1983).

Em 1967, surge o modelo Bottom – up (base-topo) e o modelo Top-Dow (topo base). O modelo Bottom – up, tem por base os fatores externos, ou seja, estuda a forma como os fatores externos, influenciam o sujeito e a forma de predizer a felicidade. Isto é, este modelo defende que o bem-estar subjetivo depende da satisfação experienciada nos vários domínios da vida do sujeito. (Feist, Bodner, Jacobs, Miles & Tan, 1995). Enquanto o modelo Top – Dow, defende que o sujeito experimenta o prazer, porque é feliz e não o contrário. Neste modelo a forma como o sujeito vive a experiência, depende integralmente da sua interpretação, ou seja, não está ligado ao facto de a experiência ser satisfatória ou insatisfatória, mas sim á forma como o indivíduo a interpreta (Simões et al., 2000). Este modelo depende assim, das interpretações subjetivas do sujeito.

Mais tarde, em 1968, Marlow, propõe a teoria da satisfação das necessidades, ou seja, os defensores desta teoria, tentavam entender a relação que as condições de vida do sujeito desempenhavam no bem-estar. Isto é, este autor defende que existe um conjunto de necessidades, que pode ser diferente para cada sujeito, e que se forem satisfeitas, podem levar a um elevado nível de bem-estar.

Lazarus & Folkman (1984), sugerem a Teoria transacional, ou seja, esta teoria defendia que era importante avaliar a relevância que o sujeito dava a cada evento da sua vida, como se adaptava a esses eventos e a sua relação com o bem-estar.

Ainda em 1984, Parducci, recomenda a teoria da amplitude da frequência / Range Frequency Theory. Com esta teoria, tentava – se entender como o sujeito comparava uma situação boa ou má, com outras por ele já vivenciadas e como isso influenciava o seu bem-estar.

A Teoria do otimismo Disposicional, proposta por Scheier & Carver (1985), defendia que os processos da personalidade podiam estar relacionados com o bem-estar subjetivo, ou seja, a personalidade de cada sujeito poderia influenciar a forma como vivenciam uma

dada situação, o que dependendo de cada sujeito, pode levar a altos níveis de bem-estar ou a baixos níveis de bem-estar.

Heady & Wearing(1989), propõem a teoria do equilíbrio dinâmico, ou seja, segundo estes autores existiam fatores que podiam influenciar mais ou menos o bem-estar subjetivo, o importante, segundo esta teoria era entender quais esses fatores e a forma como poderiam atuar como reforços positivos, de forma a aumentar o bem-estar do sujeito.

Também em1989, surge a teoria da Adaptação / Hedonic Treadmill Theory, que defende, que os indivíduos se vão adaptando fisicamente e psicologicamente às várias condições da sua vida e que essas condições vão intervindo no bem-estar subjetivo (Simon, 1989).

Seguidamente, surge a Teoria do prazer e da dor que relaciona o afeto positivo e negativo, com o bem-estar, ou seja, tentam entender a forma como o sujeito reage a um afeto positivo ou negativo e como isso vai influenciar a sua noção de bem-estar (Csikszentmihalyi & Wong, 1991).

No ano de 1992, aparece o modelo dos cinco fatores / Big Five Mode. Este modelo tentava entender como os traços da personalidade nomeadamente o neuroticismo, extroversão, conscienciosidade, amabilidade e abertura á experiência, poderiam influenciar o bem-estar subjetivo do sujeito (Costa e McCrae, 1992).

A Teoria do equilíbrio Homeostático defende que o humor, pode ser um preditor do bem-estar subjetivo ou vice-versa. Deste modo, tentavam sobretudo perceber como o humor negativo, poderia influenciar o bem-estar subjetivo do sujeito (Cummis, 1998).

Em 1999, apresenta-se o modelo teórico do julgamento do BES, que sugeria que a noção de satisfação com a vida e bem-estar, surge de uma comparação com outros indivíduos do seu círculo de convivência ou mesmo em comparação com outros eventos passados (Schwarz & Strack, 1999).

No ano de 2002, Sirgy, propõe o modelo teórico das estratégias para promover o BES. Tal como outros modelos, este tentava perceber a melhor forma de promover o BES nos sujeitos, através da distinção entre o afeto positivo e negativo.

Contudo, os dois modelos mais explicativos do BES e que mais investiram em pesquisas nesta área, são o de Diener com o modelo hedónico e o de Ryff com o modelo eudaimónico.

O modelo Hedônico sugere que o BES, depende das emoções do sujeito que causam prazer e satisfação na vida e ausência dos estados que não causam desprazer

(Giacconi, 2004). Em, 1984, Diener, definia felicidade como sendo um sinónimo de bem-estar subjetivo, ou seja, a felicidade de uma pessoa dependia da forma como ela própria, avaliava e experienciava os eventos da sua vida. Nesta perspetiva, Diener e colaboradores (1999), definem BES como um fenómeno que engloba: a satisfação com a vida em geral – referindo-se á avaliação cognitiva da vida como um todo; ao afeto positivo, que se refere à frequência de emoções positivas experienciadas e ao afeto negativo, que se refere á frequência de emoções negativas vividas pelo sujeito. Diener, refere ainda que o bem-estar subjetivo é constituído por três dimensões: satisfação com a vida, afeto positivo e afeto negativo. Seguindo da perspetiva deste autor, podemos dizer que o bem-estar subjetivo é uma avaliação dos sujeitos acerca da sua própria vida (Diener, Suh & Oishi, 1997). Isto é, segundo a perspetiva hedonista, o bem-estar é um fenómeno amplo, que inclui respostas emocionais do sujeito, que são os afetos (como o sujeito encara os acontecimentos da sua vida e como reage a eles) e julgamentos acerca da sua vida e da sua satisfação com ela (Diener, 1984). Para além disso, Diener (1984), defende que as definições de bem-estar subjetivo e felicidade se agrupam em três categorias. Sendo que a primeira se prende com características externas (riqueza, virtude, clima, etc). Nesta categoria, a felicidade é vista como algo que se possui ou não e é um aspeto subjetivo, visto que depende da experiência individual de cada sujeito. Na segunda categoria, pretende-se entender o que leva os sujeitos a definirem a sua vida como satisfatória e feliz. Por fim, a terceira categoria, pretende analisar a relação entre afeto positivo e afeto negativo, sendo que os AP, devem predominar. Diener (1996), refere ainda que definir BES, não é fácil, pois esta variável é influenciada pela idade, género, nível socio – económico, cultural, entre outras. No ano de 1997, Diener et al, defendem que pessoas que se julgam felizes tendem a experienciar eventos considerados melhores e a ver os problemas de uma perspetiva diferente, tendo mais facilidade em resolvê-los, quando surgem. Em, 2014, Diener e Scollon, referem que a satisfação da vida, pode-se dividir em duas áreas distintas ou seja, na satisfação com a vida em geral e na satisfação com a vida nos vários domínios, em que o sujeito está inserido. Isto é, a saúde do sujeito, os objetivos alcançados no trabalho e o casamento, são áreas da vida do ser humano, que podem influenciar a sua perceção de satisfação com a vida. Contudo, Diener, Oishi e Lucas (2015), defendem igualmente, que a felicidade, pode ser aprendida, ou seja, referem que é possível ensinar ao ser humano técnicas, para que seja mais feliz, isto é, melhorar as condições de saúde e melhorar os padrões de relacionamento interpessoal, como por exemplo, simples fatores que podem aumentar os níveis de bem-estar subjetivo

do ser humano. Por fim, segundo Diener e Lucas (1999), o mais importante na avaliação dos afetos é a qualidade deles, ao contrário do nível de bem-estar experienciado.

Desta forma, segundo Diener, (2016), as pessoas mais felizes aproveitam mais a vida, ou seja, mantém mais relacionamentos sociais, são cidadãos melhores e pessoas bem-sucedidas nos seus trabalhos.

Por outro lado, temos a teoria eudaimônica de Ryff (1989), que propõe o bem-estar psicológico, ou seja, este autor compreende o bem-estar como uma perspectiva de funcionamento psicológico positivo global. Isto é, Ryff e Keyes (1995), defendem que a satisfação com a vida é o maior indicador de bem-estar, que é vista como uma componente cognitiva que completa a felicidade. A proposta destes autores, acerca do bem-estar psicológico, prende-se com um modelo de seis domínios do bem-estar psicológico, que se dividem em: **Relacionamento positivo com as outras pessoas** (que se refere ao facto do sujeito ser capaz de demonstrar sentimentos de empatia, de amar, manter uma relação de amizade com os outros, isto é, é a capacidade do sujeito para se relacionar com as pessoas á sua volta. **Auto - aceitação** (este domínio, caracteriza-se pelo grau de maturidade do sujeito, ou seja, pela capacidade que o ser humano tem de autoconhecimento e de ver os eventos da sua vida, de uma forma mais positiva, ou seja, á a atitude positiva que o sujeito deve ter em relação a si próprio). **Autonomia** (são os padrões internos do sujeito, que permitem que siga as suas próprias escolhas, ao invés de ser persuadido por outros e ceder às pressões sociais). **Domínio do ambiente** (é a capacidade do individuo de escolher ambientes apropriados às suas características e necessidades, de forma, a possuir níveis de bem-estar psicológicos, mais elevados). **Propósito da vida** (perspetiva de que a vida tem um significado e para isso segue os seus objetivos pessoais e a direção positiva da vida). **Crescimento pessoal** (debate-se com o crescimento pessoal do sujeito, abertura a novas experiências, conseguindo ultrapassar todos os desafios que vão surgindo ao longo da vida) (Ryff & Keys, 1995). Desta forma, quando estes domínios apresentam um baixo nível de desenvolvimento, os sujeitos, podem apresentar insatisfação com a vida, maior dificuldade em relacionamentos pessoais, sociais e profissionais, o que levará a baixos níveis de bem-estar psicológico (Padovam, 2005). Por outro lado, quando estes domínios se encontram desenvolvidos, estaremos perante um ser humano, capaz de seguir e lutar pelos seus objetivos, capaz de se relacionar afetivamente nas várias áreas da sua vida, com maior autonomia e sobretudo com níveis de bem-estar psicológicos, mais elevados (Ryff & Keys, 1995). Em 2014,

Ryff, questiona o que levará exatamente á ideia de bem-estar psicológico, ou seja, quais as características que compõem o BEP.

Desta forma, nesta altura, Ryff, passa a tratar bem-estar psicológico como sinónimo de bem-estar eudaimônico, referindo-se a dois critérios, como sendo bastante importantes para definir o bem-estar que são: a importância do seu próprio autoconhecimento e a importância da pessoa ser ela própria (Ryff, 2008). Estas convicções, fornecem solidez ao modelo BEP de seis domínios (Ryff, 2014).

Em resumo, como é possível verificar, ao longo dos últimos 50 anos, o conceito de bem-estar subjetivo, tem vindo a ser estudado e defendido de diferentes formas, por várias teorias e vários autores, sendo que, todos concordam que uma noção de bem-estar subjetivo seria o facto do sujeito se sentir bem com a própria vida. Porém, o que poderá influenciar e levar a esse estado de satisfação é o que causa mais discrepância, pois cada teoria, tem a sua própria perspectiva e todas podem estar certas e complementar-se.

1.2.1 – Afeto: Afeto positivo e negativo

O bem-estar subjetivo, é uma dimensão da psicologia, que tem como principal objetivo estudar o que pode levar á máxima felicidade do ser humano. Esta dimensão divide-se em duas dimensões: os afetos e a qualidade de vida.

Neste estudo, foi dada uma maior relevância aos afetos positivos e negativos, que foram correlacionados com o conservadorismo.

Deste modo, o afeto constitui a dimensão emocional do bem-estar subjetivo (Diener,1984). O afeto divide-se em duas dimensões: afeto positivo e afeto negativo. Sendo que, o afeto positivo inclui emoções positivas e o afeto negativo as emoções negativas. Mas estas dimensões, não são assim tão simples de se explicar, ou seja, os afetos positivos e negativos, são caracterizados como a intensidade e a frequência com que as pessoas vivenciam as emoções, que podem ser entendidas de diferentes formas, consoante o sujeito em questão (Lyubomirsky, King, & Diener, 2005). E segundo Diener & Emmons (1985), este tipo de dimensões (o afeto positivo e negativo), são independentes e não dependem um do outro.

Segundo, Watson (2005), sujeitos com níveis altos de afeto positivo, são aqueles que mais experienciam episódios de maior prazer, caracterizando-se como alegres, confiantes, entusiasmados e felizes. Por outro lado, sujeitos com elevados níveis de afeto negativo,

são aqueles que experienciam vários episódios de desprazer, considerando-se seres humanos tristes, desanimados e preocupados. Porém, segundo, Diener (1994), pessoas com altos níveis de afeto, podem igualmente se sentirem triste e magoadas em certas ocasiões da vida, experienciando afetos negativo. Contudo, estes tipos de emoções negativas, nestas pessoas, passam com maior rapidez, do que nas que experienciam maioritariamente afetos negativos.

Gardemann e Zumbo (2007), referem ainda que algumas pessoas apresentam flutuações de humor, ou seja, alguns sujeitos ao longo do tempo vão experienciando os mesmos níveis de afetos positivos e negativos, apresentando grandes flutuações de humor. Enquanto outros, serão mais estáveis. Segundo estes autores, este tipo de flutuações, devem-se essencialmente aos traços da personalidade de cada sujeito. Desta forma, muito associado aos afetos, aparece o modelo da personalidade chamado big five, que é composto por cinco fatores gerais da personalidade: neuroticismo, extroversão, realização, socialização e abertura (Steel, Schimidt & Shultz (2008). Ainda nesta perspectiva, Naragon e Watson (2009), defendem que os transtornos clínicos como a fobia social, agorafobia, transtorno pós-traumático, esquizofrenia, transtornos alimentares, usos de substâncias, ansiedade e depressão, são característicos de seres humanos com elevados níveis de afetos negativos. Contrariamente, segundo estes autores, elevados níveis de afetos positivos, serão uma proteção para o surgimento de psicopatologias.

Segundo, Garcia e Erlandsson (2011), a extroversão e neuroticismo (duas dimensões do modelo da personalidade big five), estão relacionados com o bem-estar subjetivo. Nomeadamente, os níveis de extroversão e neuroticismo, estão estreitamente ligados ao afeto positivo e negativo. Tal como, Lucas e Diener (2009), defendem que a extroversão, está ligada a emoções positivas, enquanto o neuroticismo, está ligado a emoções negativas.

Por outro lado, Diener (1997), propõem que a abertura (dimensão também do modelo big five), poderá ser preditor do afeto positivo.

Porém, Diener e Lucas (2000), referem ainda que os investigadores, devem ter cuidado ao analisar os relatos dos sujeitos, pois estes têm tendência a lembrarem-se apenas das situações positivas, desvalorizando os acontecimentos negativos da vida.

Portanto, o afeto é uma dimensão indispensável, na avaliação do bem-estar subjetivo, que se divide em duas dimensões: Afeto positivo e Afeto negativo. Sendo que estas duas dimensões estão ligadas às emoções positivas e negativas e ao nível de frequência com que surgem, ou seja, os afetos é a forma como o sujeito vê e sente algo que lhe acontece.

Porém, o mesmo acontecimento, não é visto por todos os seres humanos da mesma forma, isto é, o que para uma pessoa pode ser um acontecimento muito mau, para outra pode ser apenas algo mau, que irá passar.

Por esse motivo, quando estudamos as dimensões de afeto positivo e negativo, não devemos ter em conta apenas as vezes que o sujeito experiência emoções positivas, mas, sim perceber se as experiências vividas serão mais ou menos prazerosas.

1.3-Bem-estar subjetivo e Conservadorismo

A relação entre o conservadorismo e o bem-estar (afeto positivo e negativo), tem sido discutido e relatado por vários estudos na literatura inglesa. Segundo vários autores, existe uma relação entre estes dois construtos, pois se o ser humano não estiver bem com as suas tradições e valores, não terá altos níveis de bem-estar.

O BES, segundo os vários estudos presentes na literatura é um estado de felicidade e realização, que depende de vários fatores, para atingir a satisfação, nomeadamente afetos negativos e positivos. Um dos fatores que poderão influenciar o BES, é os valores.

Segundo, Schusterova (2007), os valores influenciam diretamente o bem-estar subjetivo, pois estes irão influenciar o sujeito nas suas metas.

Por outro lado, o pensamento conservador surge como uma oposição e uma atitude reativa á mudança. Mudança, que leva a uma rutura das tradições, dos costumes, dos valores e das crenças religiosas, o que pode levar a um baixo nível de BES (Burque, 2014).

Assim sendo, existem vários autores que se têm dedicado a estudar esta relação, para melhor perceber como o conservadorismo pode influenciar o BES e vice-versa.

Castelli e Carraro (2011), defendem através dos seus estudos, que os conservadoristas são sensíveis e estão mais atentos a uma vasta lista de estímulos negativos, isto é, eles referem que os conservadoristas têm mais predisposição para reagir aos estímulos negativos, de forma mais efusiva.

Sob o ponto de vista de Jost, Glaser, Kruglanski e Sulloway (2003), o conservadorismo político está relacionado com a motivação para evitar emoções que possam trazer incertezas, mantendo o status quo do individuo, ou seja, os conservadoristas, tentam evitar todos os afetos positivos e negativos que possam causar algum tipo de mudança nas tradições, o que causará um nível muito baixo de BES.

Samantha, Caitlin, Burtos e Plaks (2014), através de vários estudos entre o conservadorismo e os afetos, concluíram que os defensores desta ideologia política, são mais sensíveis e mostram respostas mais fortes aos estímulos negativos, antecipando os efeitos negativos em resposta a cenários negativos. Estes autores ainda propõem que os conservadoristas antecipam mais afetos negativos, perante situações negativas, mas não são capazes de ter a mesma atitude quando se trata de estímulos positivos, isto é, os conservadoristas seguem regras impostas pela sociedade e recusam a mudança. Por esse motivo, ao pesarem nos prós e contras de se desviarem das tradições (sendo estas as únicas válidas, visto, ser as únicas que demonstram experiência), experienciam afetos negativos, que eles tentam evitar, pois receiam resultados negativos a nível social, económico e mesmo pessoal.

Tritt, Peterson, Page-Gould e Inzlicht (2016), defendem que os conservadoristas têm mais predisposição, para reagir a estímulos afetivos leves e neutros, estando mais alerta e tendo mais variações de humor.

Para Leone e Chirumbolo (2008), o conservadorismo, segundo os estudos realizados, está diretamente ligado a sentimentos de estabilidade e de previsibilidade, ou seja, as tradições, segundo os conservadoristas, levam à estabilidade. Logo, tudo o que for inovação e mudança, pode levar a preocupações e à presença de estímulos negativos, que os conservadoristas, não estão dispostos a experienciar.

Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson e Sanford (1950), teorizam que os conservadores tendem a evitar emoções intensas, logo, tendem a preferir fortes mecanismo do ego e a desconfiar de emoções fortes.

Tomkis (1995), defende, que a ideologia conservadora tem uma visão pessimista da natureza, que é entendida como antissocial, o que leva a que os conservadores sintam, que a função da sociedade é impor regras e autocontrolar, prevenindo o comportamento motivado pela emoção, que levará à mudança e que causará nos conservadores, baixos níveis de bem-estar.

Roscoe e Christiansen (2010), referem que os conservadoristas apresentam maiores níveis de afetos negativos para com sujeitos com ideologias diferentes das deles. Mas ao mesmo tempo mostram elevados estímulos positivos quando se trata de sujeitos com a mesma ideologia, regras e tradições.

A área da psicologia política, confirma igualmente esta ideia de que os conservadores são mais motivados pelo medo, logo, serão mais propensos ao desgosto (Steiger, Reyna, Wetherell & Iverson, 2019).

De outro ponto de vista, há autores que referem que o conservadorismo é um bom preditor de altos níveis de BES, ou seja, os conservadores estão mais predispostos a experienciar afetos negativos, mas quando não existe uma tentativa de ruptura com as tradições, eles experienciam altos níveis de BES, traduzido em altos níveis de Felicidade e Satisfação.

Desta forma, Bart (2012), defende que o conservadorismo é um bom construto para o bem-estar e autoestima, principalmente na idade adulta.

No mesmo seguimento, Van Hiel e Brebels (2011), declaram que o conservadorismo está positivamente relacionado com a autoestima, ou seja, referem que esta ideologia política, pode levar o indivíduo a experienciar altos níveis de BES.

Napier e Jost (2008), apontam que esta ideologia contribui para o bem-estar pessoal e autoestima dos sujeitos.

Contudo, quando são referidos estímulos negativos, relacionados à morte, vários estudos indicam que os conservadoristas reagem de forma mais negativa a estes estímulos.

Segundo, Napier e Jost (2008), os conservadoristas apresentam uma maior predisposição para vivenciar estímulos negativos e de ansiedade que levaram a afetos negativos, nomeadamente sentimentos de desespero e depressivos, quando são experienciados estímulos relacionados com a morte.

Jost, Glaser, Kruglanski e Sulloway (2003), referem, tal como os autores referidos acima, que as crenças religiosas e os valores tradicionais definem as ideologias conservadoras, o que leva a que estes tentem reduzir os sentimentos de ansiedade da morte. Estes autores, mostram ainda, que nos seus estudos foi possível correlacionar os valores conservadores com o afeto negativo, necessidade de evitar a mudança, neuroticismo e medidas de ansiedade.

Segundo, Diener e colaboradores (1999), os fatores externos contribuem para a variância dos níveis de BES, ou seja, a cultura, a saúde entre outras, poderão influenciar positivamente ou negativamente o nível de afetos e de BES. Por esse motivo, quanto mais satisfeitos estiverem os indivíduos com os seus valores e tradições, mais alto será o seu BES.

Porém, a relação entre conservadorismo e bem-estar subjetivo é avaliada essencialmente através de autorrelatos dos indivíduos, ou seja, este tipo de autorrelatos, pode levar a distorções do discurso, isto é, o sujeito ao relatar os eventos da sua vida,

poderá fazê-lo de forma diferente, do que realmente aconteceu, não declarando verdadeiramente as emoções que terá sentido na altura. (Onraet, Van Hiel & Dhont, 2013).

Assim, sendo, um conservador ao ver os seus valores ameaçados, poderá reagir de forma insatisfatória experienciando altos níveis de afetos negativos, que levará igualmente a baixos níveis de bem-estar subjetivo.

Deste modo, poderemos verificar que há vários estudos, principalmente na literatura inglesa, que se dedicaram ao estudo desta relação. Destes estudos, podemos concluir que existe uma relação entre conservadorismo e Bem-Estar subjetivo, nomeadamente ao nível dos afetos positivos e negativos, ou seja, no caso de existir uma rutura de tradições e valores, os conservadoristas irão sentir-se menos satisfeitos com a vida em geral, o que levará a um baixo nível de experiência de afeto positivo, logo a um baixo nível de BES. Logo, quanto mais estiverem satisfeitos com a sua vida em geral, com os seus valores e tradições, mais altos níveis de BES, se poderão notar e mais afetos positivos irão experienciar.

1.4-Questões e hipóteses de estudo

O principal objetivo deste estudo foi avaliar as características psicométricas da versão portuguesa do ECSE, para alcançar uma melhor compreensão do conservadorismo e da forma como se manifesta na amostra portuguesa. Por outro lado, pretendia-se igualmente perceber qual a relação existente entre o bem-estar subjetivo, nomeadamente o afeto e o conservadorismo.

Assim, partindo destas problemáticas, foram apresentadas as seguintes questões de estudo:

1 - “A versão portuguesa do ECSE apresenta características psicométricas adequadas?”

No qual é possível colocar as seguintes hipóteses de estudo:

“A versão portuguesa do ECSE apresenta características psicométricas adequadas, isto é, válidas para a população portuguesa?”

H0 – A versão portuguesa do ECSE não apresenta características psicométricas adequadas, isto é, válidas para a população portuguesa.

H1 - A versão portuguesa do ECSE apresenta características psicométricas adequadas, isto é, válidas para a população portuguesa.

A segunda questão em estudo é:

2 - “O conservadorismo social e económico está relacionado com os afetos, uma das dimensões do bem-estar subjetivo?

No qual é possível colocar as seguintes hipóteses de estudo:

“O conservadorismo social e económico está relacionado, com os afetos?”

H0 - O conservadorismo social e económico não está relacionado com os afetos.

H2 - O conservadorismo social e económico está relacionado, com os afetos.

2– Metodologia

Este trabalho inclui dois estudos: um estudo instrumental, tendo como principal objetivo a validação da escala SECS para a população portuguesa. E o segundo estudo, refere-se à existência ou não de correlação entre o afeto e o conservadorismo

2.1 – Participantes

Participaram neste estudo 855 adultos na sua maioria de nacionalidade portuguesa, de ambos os sexos entre os 16 e os 88 anos ($M = 33,48$; $DP = 37,086$), sendo 567 do sexo feminino (66.3%) e 254 do sexo masculino (29.7%).

Sendo que de 32 dos 855 adultos inquiridos, não foram obtidas informações acerca dos parâmetros sócio demográficos e a maior percentagem de inquiridos, se situa nos 18 anos.

Tabela 2*Caracterização da amostra quanto aos dados socio- demográficos*

	Valor			
	N	%	M	DP
Género e Média de Idades da Amostra				
Masculino	254	29.7		
Feminino	567	66.3		
Omisso	34	3.9		37.086
Total	855	100.0	33.48	
Nível de escolaridade da Amostra				
1º ciclo do ensino básico	28	3.3		
2º ciclo do ensino básico	30	3.5		
3º ciclo do ensino básico	71	8.3		
Ensino Secundário	466	54.5		
Licenciatura	178	20.8		
Mestrado	26	3.0		
Doutoramento	5	0.6		
Omisso	19	2.2		
Total	855	100.0		
Situação Profissional da Amostra				
Estudante	356	41.6		
Empregado	301	35.2		
Desempregado	34	4.0		
Reformado	58	6.8		
Trabalhador – estudante	41	4.8		
Omisso	32	3.7		
Total	855	100.0		
Estado Civil da Amostra				
Solteiro	477	55.8		
União de Facto	40	4.7		
Casado	244	28.5		

Divorciado	30	3.5
Viúvo	14	1.6
Omisso	18	2.1
Total	855	100.0
Rendimentos da Amostra		
<500€	14	1.6
500€-800€	100	11.7
900€ - 1200€	201	23.5
1300€-1900€	200	23.4
2000€-2900€	120	14.0
3000€-3900€	55	6.4
4000€-4900€	15	1.8
>5000€	28	3.3
Omisso	90	10.5
Total	855	100.0
Nacionalidade da Amostra		
Portuguesa	778	91.0
Brasileira	16	1.9
Angolana	11	1.3
Luxemburguesa	1	0.1
Moçambicana	1	0.1
Francesa	3	0.4
Omisso	32	3.7
Total	855	100.0

Ao analisar a tabela, podemos verificar que dos 855 participantes, 254 eram do sexo masculino, obtendo uma percentagem de 29,7% e a maioria eram do sexo feminino, com 567 participantes e uma percentagem de 66.3%. Sendo que a média de idades é de 33,48, existindo um desvio padrão de 37,086.

No que respeita ao nível de escolaridade, podemos verificar que 19 dos inquiridos não responderam a esta questão e que 32 são omissos. Constata-se ainda que a maioria dos inquiridos possui o ensino secundário (12º ano) com uma percentagem de 54,5%. Relativamente aos restantes, podemos apurar que 3,3% possui apenas o 1º ciclo de

escolaridade, 3,5% o 2º ciclo, 8,3%, o 3º ciclo, 20,8% possui uma licenciatura, 3,0% um mestrado e 0,6% possui um doutoramento. Desta forma, é possível afirmar que a maioria dos inquiridos, possui uma escolaridade acima do 3º ciclo.

Ainda perante a observação da tabela 2, é possível averiguar que 41,6% dos inquiridos são estudantes, e 4,8% são trabalhadores – estudantes, 35,2% estão empregados, 4% está desempregado e 6,8% é reformado. Podemos assim concluir, que a maioria dos inquiridos são estudantes.

Relativamente ao estado civil, é possível analisar que na sua maioria os inquiridos são solteiros, ou seja, 55,8% da amostra, 4,7% encontram-se em União de facto, 28,5% são casados, 3,5% divorciados e 1,6% viúvos.

Relativamente, aos rendimentos do agregado familiar, podemos apurar que 1,6% dos inquiridos tem um rendimento abaixo dos 500€, 11,7% tem um rendimento entre os 500€ e os 800€. Conseguimos, ainda perceber, que a maioria da amostra possui um rendimento mensal entre os 900€ e os 1900€, sendo que 23,5% tem um rendimento entre os 900€ e os 1200€ e para 23,4% os seus rendimentos mensais situam-se entre os 1300€ e os 1900€. Ainda verificamos que 14% tem um rendimento entre 2000€ e 2900€, 6,4% entre 3000€ e 3900€, 1,8% entre 4000€ e 4900€ e por fim, 3,3% acima dos 5000€.

Por fim, quanto á nacionalidade da amostra, podemos observar que 91% dos inquiridos são de nacionalidade portuguesa, 3% serão franceses, 1% brasileira, 1% angolanos e 1% Luxemburgueses.

2.2 – Instrumentos

Para a recolha de dados, foi administrado um questionário sociodemográfico, com o objetivo de recolher os seguintes dados: idade, nacionalidade, escolaridade, situação profissional, estado civil, agregado familiar e rendimentos dos participantes.

Além deste questionário sociodemográfico, foi administrada a versão portuguesa da Escala de Conservadorismo Económico e Social de Jim Everett (2013).

No questionário aplicado, referente á forma como os indivíduos experienciam e expressam o conservadorismo, foi utilizada uma escala tipo Likert, para avaliar o grau de intensidade, acerca do devido tópico exposto e apresentada da seguinte forma: Assinale 10 se é “Extremamente a favor” do tópico; Assinale 9 se é “Muito a favor” do tópico; Assinale 8 se é “Muito a favor” do tópico; Assinale 7 se é “A favor” do tópico; Assinale 6 se é “A favor” do tópico; Assinale 5 se é “Neutro” acerca tópico; Assinale 4 se é

“Contra” do tópico; Assinale 3 se é “Contra” do tópico; Assinale 2 se é “Muito contra” do tópico; Assinale 1 se é “Muito contra” do tópico e Assinale 0 se é “Extremamente contra” o tópico.

A versão portuguesa da Escala SECS ou em português ECSE, foi traduzida, adaptada e transformada por Sara Faria, Pedro Costa e Paulo Moreira e permite avaliar 17 itens do conservadorismo social e económico, sendo eles: 1 - Aborto; 2 - Subsídios da segurança social; 3 - Impostos; 4 - Imigração (entrada de cidadãos estrangeiros no país); 5 - Ação limitada do governo; 6 - Seguro militar e nacional; 7 - Religião; 8 - Posse de armas; 9 - Casamento tradicional (pela igreja); 10 - Valores tradicionais; 11 - Responsabilidade fiscal; 12 - Iniciativa privada na economia; 13 - Famílias constituídas apenas de forma tradicional; 14 - Patriotismo; 15 - Emigração (saída de cidadãos nacionais para outros países); 16 - Entrada de refugiados e 17 - Eutanásia. .

Esta é uma escala em que o sujeito tem que se posicionar entre o extremamente a favor e muito contra, relativamente ao item/palavra da escala apresentada.

Estes itens, podem ser subdivididos em duas subescalas, ou seja, a subescala económica e a social.

Com estes itens, pretende-se entender a forma como os indivíduos se situam e expressam em relação a eles e qual a sua posição em relação ao conservadorismo e seus ideais.

Por outro lado, foi utilizada a escala PANNAS (Positive and Negative Affect Schedule), desenvolvida por Watson, Clark e Tellegen, em 1988, para estudar a correlação entre conservadorismo e afeto.

Este instrumento, tinha como principal objetivo medir os afetos, nomeadamente o afeto positivo (AP) e o afeto negativo (AN).

Esta escala, surge nesta altura como forma de suprir a falha que existe no que toca a instrumentos psicométricos económicos e de fácil aplicação, para avaliar o afeto positivo e negativo (Guiacomoni, 2022).

A PANAS é constituída por duas subescalas: afeto positivo e a de afeto negativo. Este instrumento é constituído no seu total por 20 itens, que descrevem os estados de humor, estando divididos em duas subescalas, a de afeto positivo e afeto negativo (Galinha, 2014).

A escala de afeto positivo, é constituída por 10 itens que descrevem sentimentos e emoções positivas, que são: entusiasmado, orgulhoso, interessado, forte, ativo, inspirado, determinado, atento, animado e estimulado (Siqueira, 2008).

A escala de afeto negativo, é igualmente constituída por 10 itens que descrevem as emoções negativas e está ligada ao desprazer e mal-estar do sujeito e inclui os seguintes itens: angustiado, descontrolado, culpado, assustado, hostil, irritado, envergonhado, nervoso, inquieto e amedrontado (Siqueira, 2008).

Desta forma, a PANAS, é capaz de medir o estado afetivo, o humor e o afeto traço dos sujeitos (Watson & Clark, 1997).

Este instrumento, é muito útil, pois tem sido traduzido e validado em várias línguas de todo o mundo e em todas as traduções apresentam boas qualidades psicométricas (Galinha, 2014).

A escala PANAS, foi igualmente traduzida e transformada para a língua portuguesa em 2005 por Galinha e Ribeiro. Estes autores, não se limitaram a traduzir a escala de inglês para português, mas sim tentaram respeitar as diferenças da língua portuguesa, percebendo o que faria mais sentido (Galinha, Pereira & esteves, 2014).

Para isso, começaram por traduzir os 60 itens originais de Zevon e Tellegen (1982) e depois foram escolhidas as 20 com mais valor fatorial em cada dimensão. Desta forma, foi criada uma escala, em português, com boas qualidades psicométricas e adaptada á população portuguesa (Galinha, Pereira & Esteves, 2013).

Contudo, com o passar dos anos, diversos autores, sentiram necessidade, de criar uma escala do PANAS reduzida.

O primeiro autor, a tentar a redução da escala, terá sido, Kercher em 1992. Este autor, partiu da versão original de Watson e escolheu os 5 itens de cada subescala com mais peso fatorial. Esses itens terão sido: afeto positivo – inspirado, alerta, excitado, entusiasmado e determinado. Afeto negativo: nervoso, stressado, amedrontado, chateado e assustado (Galinha, Pereira & Esteves, 2014). Contudo, apesar da escala apresentar níveis de fidelidade aceitáveis, existia algumas limitações, pelo facto de ter sido desenvolvida com uma amostra da população muito envelhecida.

Em 2007, Thompson, propõe uma versão reduzida com 10 itens para medir o afeto traço. Esta escala era constituída por cinco itens que mediam o afeto positivo e cinco itens que mediam o afeto negativo, que eram: atento, alerta, inspirado, ativo, nervoso, chateado, amedrontado, envergonhado e hostil.

Em Portugal, no ano de 2005, Galinha e Ribeiro, tal como outros autores, propõem-se a construir uma escala de PANAS reduzida em português. Para isso, selecionaram os 5 itens de cada subescala com mais valor fatorial, que foram as seguintes: AP – entusiasmado, inspirado, encantado, caloroso e determinado. AN – assustado,

amedrontado, atormentado, perturbado e nervoso. Contudo, como o objetivo principal era obter uma escala reduzida que medisse pelo menos quatro categorias diferentes das emoções, os autores, acabaram por substituir o item assustado pelo culpado.

Assim, conseguiram alcançar uma escala com bons índices de ajustamento, onde é possível medir 10 tipos de emoções (5 positivas e 5 negativas), que representam oito categorias diferentes das emoções que são: Orgulhoso (item determinado), simpático (item caloroso), alegre (item encantado), perturbado (item atormentado e perturbado), amedrontado (item nervoso) e culpado (item culpado) (Galinha, pereira & esteves, 2014).

Por fim, esta é uma escala, onde o sujeito se deve posicionar em relação a cada dimensão através de uma escala tipo Lickert, que é apresentada da seguinte forma: 1 - concorda nada ou muito pouco, 2 - concorda um pouco, 3 - concorda mediantemente, 4 - concorda muito e 5 - concorda bastante/sempre.

Desta forma, a PANAS, é uma escala muito utilizada mundialmente, com o principal objetivo de estudar o afeto positivo e negativo, que são duas dimensões do bem-estar subjetivo e que avaliam como os sujeitos se colocam em relação a cada dimensão.

2.3.2 – Procedimentos e análise de dados

Para validar a escala e realizar os estudos propostos, inicialmente, foi submetido o projeto á aprovação da comissão de ética da Universidade Lusíada do Porto, seguindo as recomendações da declaração de Helsínquia.

Seguidamente, depois de aprovado o projeto, procedeu-se á recolha de dados, que foi realizada presencialmente. Depois de recolhidos os dados e inseridos no programa, procedeu-se a uma análise fatorial exploratória, seguida de uma análise fatorial confirmatória e por fim, a uma exploração das correlações existentes, nomeadamente entre as próprias escalas de conservadorismo e entre as escalas e o afeto.

Os dados foram submetidos a tratamento informático, com recurso ao programa informático Statistical Package for Social Sciences (SPSS), versão 26, sendo realizada uma análise quantitativa.

Para a realização do procedimento de análise, foram inicialmente inseridos os dados recolhidos no respetivo programa (SPSS) e posteriormente, foi realizada uma análise descritiva com a objetivo de verificar as médias de idades, os valores por género, o nível de escolaridade da amostra, a situação profissional e o rendimento.

Seguidamente, para verificar a adequação da amostra, foi calculado o KMO, visto que, será este indicador, que nos permitirá prosseguir com a testagem ou não. Isto é, caso o valor de KMO, não seja adequado a análise fatorial, não deve prosseguir.

No que respeita à estrutura fatorial, foi inicialmente realizada uma análise fatorial exploratória, com o uso do método componente principal e rotação ortogonal varimax, com o intuito de verificar se os itens possuem carga fatorial.

Os estudos de validade foram realizados através da Análise fatorial confirmatória conduzida na *Analysis of Moment Structures* (AMOS) – versão 29.

Considerando – se os seguintes índices de ajustamento: Qui-quadrado (χ^2)/Graus de liberdade (df) inferior a 5; *Comparative Fit Index* (CFI), *Tucker-Lewis Index* (TLI), *Normed Fit Index* (NFI) superior a ,090; *Root Mean Square Error of Aproximation* (RMSEA) inferior ou igual a ,05 (Marôco, 2010).

Ao proceder á análise confirmatória, denotou-se que os dados obtidos, não estariam a medir o conservadorismo, mas sim o liberalismo. Deste modo, foi necessário proceder á inversão dos itens, para uma melhor compreensão dos dados obtidos.

Posteriormente, foram realizados estudos de confiabilidade, que dizem respeito á precisão/consistência da escala, ou seja, ao grau de confiança ou exatidão que podemos ter na informação obtida (Almeida & Freire,2008, p.177). Para testar a confiabilidade da escala, procedeu-se á testagem do Coeficiente do Alfa de Cronback. O cálculo deste parâmetro é um importante indicador da precisão de um instrumento de medida e permite fazer uma estimativa de até que ponto cada item da escala mede, de forma, equivalente, o mesmo conceito, isto é, a variável latente. O seu valor varia entre 0.00 e 1.00 e quanto maior for, maior consistência interna indica (Hill & Hill, 2008).

Por fim, foram testadas as correlações existentes entre as subescalas do conservadorismo e a escala de PANAS, para que fosse possível entender se haveria correlação entre o bem-estar subjetivo e o conservadorismo.

De seguida serão explicados e discutidos todos os dados obtidos com a análise fatorial exploratória e confirmatória, de forma exhaustiva, todos estes passos.

3 – Resultados

Nesta parte da dissertação, pretende-se realizar uma análise detalhada dos resultados obtidos através da análise fatorial exploratória e posteriormente da análise fatorial confirmatória.

Seguidamente, serão apresentadas as tabelas dos resultados obtidos através do SPSS e as suas referidas análises.

Tabela 3

Teste de KMO e teste de esfericidade de Bartlett

Teste de KMO e Bartlett		
Medida Kaiser-Meyer-Olkin de adequação de amostragem.		,746
	Aprox. Qui-quadrado	1170,312
Teste de esfericidade de Bartlett	Gl	136
	Sig.	,000

O KMO (Kaiser – Meyer – Olkin), é um critério que se utiliza para verificar se o modelo de análise fatorial, é adequado e se, se justifica a continuidade da análise fatorial. Partindo da informação fornecida pela tabela, o valor do KMO obtido é de ,746, o que demonstra que estamos perante uma correlação média entre as variáveis, pois o valor obtido encontra-se entre 0,7 e 0,8.

Para alguns autores como Kaiser & Rice (1977), este valor não seria aceite, pois apenas valores iguais ou superiores a 0.8 são admissíveis. Porém, existem autores como

Hair, Anderson & Tatham (1987), que defendem que os valores do teste de KMO, deve situar-se entre os 0.5 e 1. Ainda nesse sentido de pensamento, Favero *et al.*, 2009, defende que os valores de KMO dividem-se de forma crescente, ou seja, valores <0.5 são inaceitáveis, valores entre 0.5 e 0.6 são maus, entre 0.6 e 0.7 são razoáveis, 0.7 a 0.8 são médios, 0.8 a 0.9 são bons e por fim, de 0.9 a 1 são muito bons. Deste modo, podemos considerar o valor de KMO desta amostra aceitável (média), pois situa-se entre os 0.7 e 0.8. No estudo original, o KMO, aferido, foi ligeiramente maior, (0.88), esta diferença, pode dever-se ao facto de ter existido uma tradução, adaptação e transformação dos itens de inglês para português.

Por outro lado, foi calculado igualmente o teste de esfericidade de Bartlett, que é utilizado para avaliar a correlação entre variáveis. No caso, de não existir correlações significativas entre as variáveis, significa que não é viável prosseguir com a análise fatorial. (Fávero *et al.*, 2009)

Desta forma, o teste de esfericidade de Bartlett, foi significativo, pois foram obtidos os seguintes valores: Qui-quadrado = $\chi^2 = 1170,312$; $P < 0.05$ e um grau de significância (*df*) de 0.000, assim sendo, estes valores permite afirmar, que existe correlação entre as variáveis. Neste caso, o Qui Quadrado, no artigo original, é ligeiramente mais baixo, tendo um valor de $\chi^2 = 1542,04$.

Tabela 4*Variância total explicada*

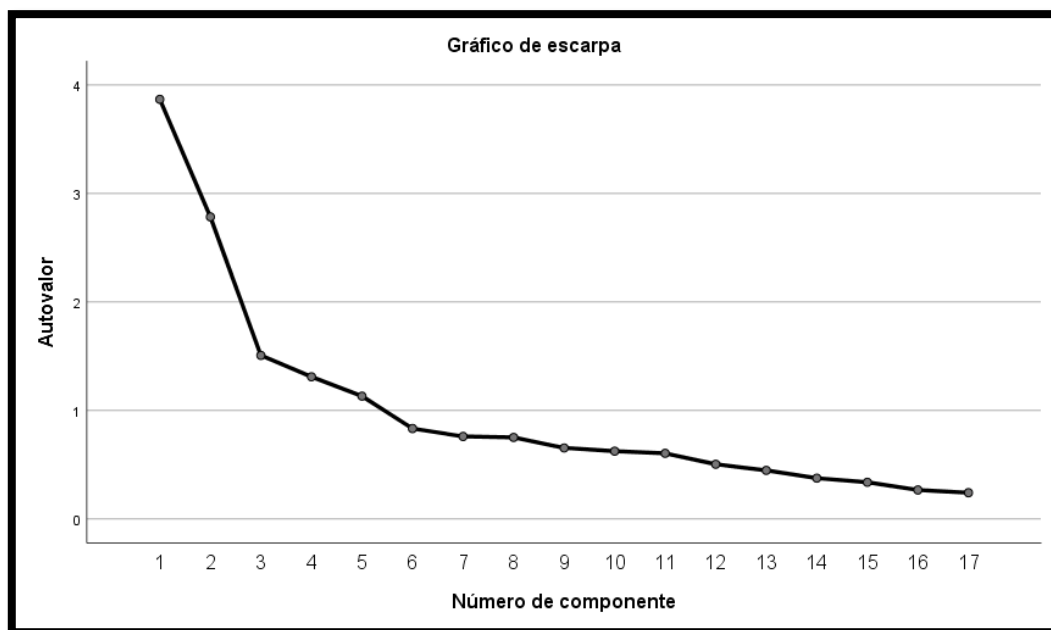
Variância total explicada						
Item	Autovalores iniciais			Somadas de extração de carregamentos ao quadrado		
	Total	%	de %	Total	%	de %
		variância	cumulativa		variância	cumulativa
1	3,867	22,749	22,749	3,867	22,749	22,749
2	2,784	16,375	39,124	2,784	16,375	39,124
3	1,507	8,866	47,990	1,507	8,866	47,990
4	1,310	7,708	55,699	1,310	7,708	55,699
5	1,132	6,656	62,355	1,132	6,656	62,355
6	,833	4,899	67,254			
7	,760	4,471	71,725			
8	,751	4,418	76,143			
9	,654	3,849	79,992			
10	,625	3,675	83,667			
11	,604	3,555	87,222			
12	,504	2,964	90,186			
13	,447	2,631	92,816			
14	,376	2,210	95,026			
15	,338	1,986	97,012			
16	,267	1,569	98,581			
17	,241	1,419	100,000			

A tabela número 9, fornece-nos os valores acerca da variância total explicada, em que podemos analisar que a extração dos fatores explica 62.355% da variância total. Contudo, inicialmente, tal como no artigo original foi realizada uma extração do fator principal do eixo com rotação oblíqua. Porém, os dados obtidos eram menos significativos, pois apesar de terem sido obtidos igualmente cinco fatores, a extração de fatores explicava apenas 47.971% da variância total.

Desta procede-se a uma nova extração através do, método da componente principal por rotação varimax e foram obtidos cinco fatores com autovalores superiores a 1. O primeiro fator explicou 22,749% da variância (autovalor = 3,867), o segundo fator explica 16.375% da variância (autovalor = 2.784), o terceiro fator 8.866% (autovalor = 1.507), o quarto fator 7.708% (autovalor = 1.310) e por fim o quinto fator explica 6.656% (autovalor = 1.132) da variância.

Gráfico 1

Gráfico de escarpa



Partindo da observação do gráfico anterior, podemos concluir que o número de componentes anterior ao ponto de inflexão é de cinco, tal como, nos foi possível observar na tabela da variância total explicada. Assim, o gráfico de escarpa reforça a divisão dos fatores em cinco, visto que, do sexto fator para baixo o seu autovalor, passa a ser menor que 1.

Tabela 5*Matriz de componente rotativa*

Matriz de componente rotativa^a					
	1	2	3	4	5
1. Aborto			,835		
2. Subsídios da segurança social	,671				
3. Impostos	,563			,415	
4. Imigração (entrada de cidadãos estrangeiros no país)	,841				
5. Ação limitada do governo					,669
6. Segurança militar e nacional		,485		,417	
7. Religião		,526	-,414		
8. Posse de armas					,744
9. Casamento tradicional (pela igreja)		,847			
10. Valores tradicionais		,784			
11. Responsabilidade fiscal	,409			,440	
12. Iniciativa privada na economia				,690	
13. Famílias constituídas apenas da forma tradicional					
14. Patriotismo				,779	
15. Emigração (saída de cidadãos nacionais para outros países)	,653				

16. Receber Refugiados ,790

17. Eutanásia ,844

Na tabela seguinte, é possível observar que existem cinco fatores, por onde se distribuem os itens, porém existe um item que não saturam em nenhuma dimensão, podendo mesmo ser excluído, sendo ele o item 13 – Famílias constituídas apenas da forma tradicional.

Os outros itens são distribuídos por 5 fatores diferentes. O fator um compreende os itens: 2. Subsídios da segurança social; 3. Impostos; 4. Imigração (entrada de cidadãos estrangeiros no país); 15. Emigração (saída de cidadãos nacionais para outros países) e o 16. Receber Refugiados.

Acerca deste fator, podemos sugerir que se trata de um fator mais relacionado com o conservadorismo social.

O fator dois, compreende os itens: 6. Segurança militar e nacional; 7. Religião; 9. Casamento tradicional (pela igreja) e o 10. Valores tradicionais.

Este fator, poderíamos concluir que está ligado ao conservadorismo mais relacionado com as tradições, pois inclui sobretudo itens relacionados com os valores tradicionais, como o casamento para a vida toda.

O fator três compreende os itens: 1. Aborto e o 17. Eutanásia.

O fator três é passível de ser excluído, pois só compreende dois itens e segundo alguns autores, fatores com menos de três itens não devem ser retidos. Porém, se o relevarmos, este fator estaria relacionado com o conservadorismo mais ligado aos novos dilemas da sociedade, pois inclui dois tipos de ações, muito difundidas na atualidade, mas que não geram consenso.

O fator quatro, é composto pelos itens: 11. Responsabilidade fiscal; 12. Iniciativa privada na economia e o 14. Patriotismo.

O quarto fator está mais relacionado com o conservadorismo económico.

Por fim, o fator cinco abarca os seguintes itens: 5. Ação limitada do governo e o 8. Posse de armas.

Este último fator, tal como o terceiro, são passíveis de serem excluídos, pois apenas inclui dois itens. Este estaria relacionado com o conservadorismo mais ligado ao governo.

Nesta tabela, podemos ainda verificar que os itens 3,6,7 e 11 saturam em mais do que um dos fatores. Porém, temos de ter em conta o valor mais elevado, ou seja, o item será incluído no fator em que se encontra o valor mais elevado.

Visto que, existiam dois fatores que eram passíveis de serem excluídos, procedeu-se uma nova extração, através do método da componente principal, com rotação varimax, com a especificação de três fatores. A nova extração, revela que a divisão em três fatores explica 47.990% da variância total explicada, sendo que o primeiro fator explica 22.749%, o segundo 16.375% e o terceiro 8.886% da variância.

Tabela 6

Matriz de componente rotativa para três fatores

	Fatores		
	1 Conservadorismo Economico	2 Conservadorismo Tradicional/social	3 Conservadorism o Social
1. Aborto		-,569	
2. Subsídios da segurança social	,584		
3. Impostos	,643		
4. Imigração (entrada de cidadãos estrangeiros no país)	,762		
5. Ação limitada do governo	,349		
6. Segurança militar e nacional	,618		
7. Religião		,612	
8. Posse de armas			,453

9.	Casamento tradicional (pela igreja)		,561	
10.	Valores tradicionais		,649	
11.	Responsabilidade fiscal	,587		
12.	Iniciativa privada na economia	,439		
13.	Famílias constituídas apenas da forma tradicional		,546	
14.	Patriotismo		,	,568
15.	Emigração (saída de cidadãos nacionais para outros países)	,689		
16.	Receber Refugiados	,679		
17.	Eutanásia		-,621	

Nesta nova extração é possível verificar a redução da amostra para três fatores sendo que, neste caso o fator um estaria relacionado com o conservadorismo económico, o fator dois com o conservadorismo tradicional e o terceiro fator com o conservadorismo social. Porém, nesta extração, podemos verificar que o fator três é passível de ser excluído, pois apenas contem dois itens.

Por esse motivo, realizou-se uma última extração através do método de componente principal com rotação varimax e com especificação de dois fatores. Nesta última extração, a variância total explicada tem o valor de 39,124%.

Tabela 7*Matriz de componente rotativa para dois fatores*

	Fatores	
	1 Conservadorismo Económico	2 Conservadorismo Social
1. Aborto		-,569
2. Subsídios da segurança social	,584	
3. Impostos	,643	
4. Imigração (entrada de cidadãos estrangeiros no país)	,762	
5. Ação limitada do governo	,349	
6. Segurança militar e nacional	,618	
7. Religião		,612
8. Posse de armas	-,164	
9. Casamento tradicional (pela igreja)		,561
10. Valores tradicionais		,649
11. Responsabilidade fiscal	,587	
12. Iniciativa privada na economia	,439	
13. Famílias constituídas apenas da forma tradicional		,546
14. Patriotismo		,395
15. Emigração (saída de cidadãos nacionais para outros países)	,689	
16. Receber Refugiados	,679	
17. Eutanásia		-,621

Assim, podemos verificar, que a extração que melhor explica a escala e tal como no estudo original, é a de dois fatores. Deste modo, concluímos que a escala ESCE, possui duas subescalas a escala de conservadorismo económico e a escala de conservadorismo social.

Figura 1

Modelo 1 - Análise fatorial confirmatória do modelo de alta correlação da escala ECSE

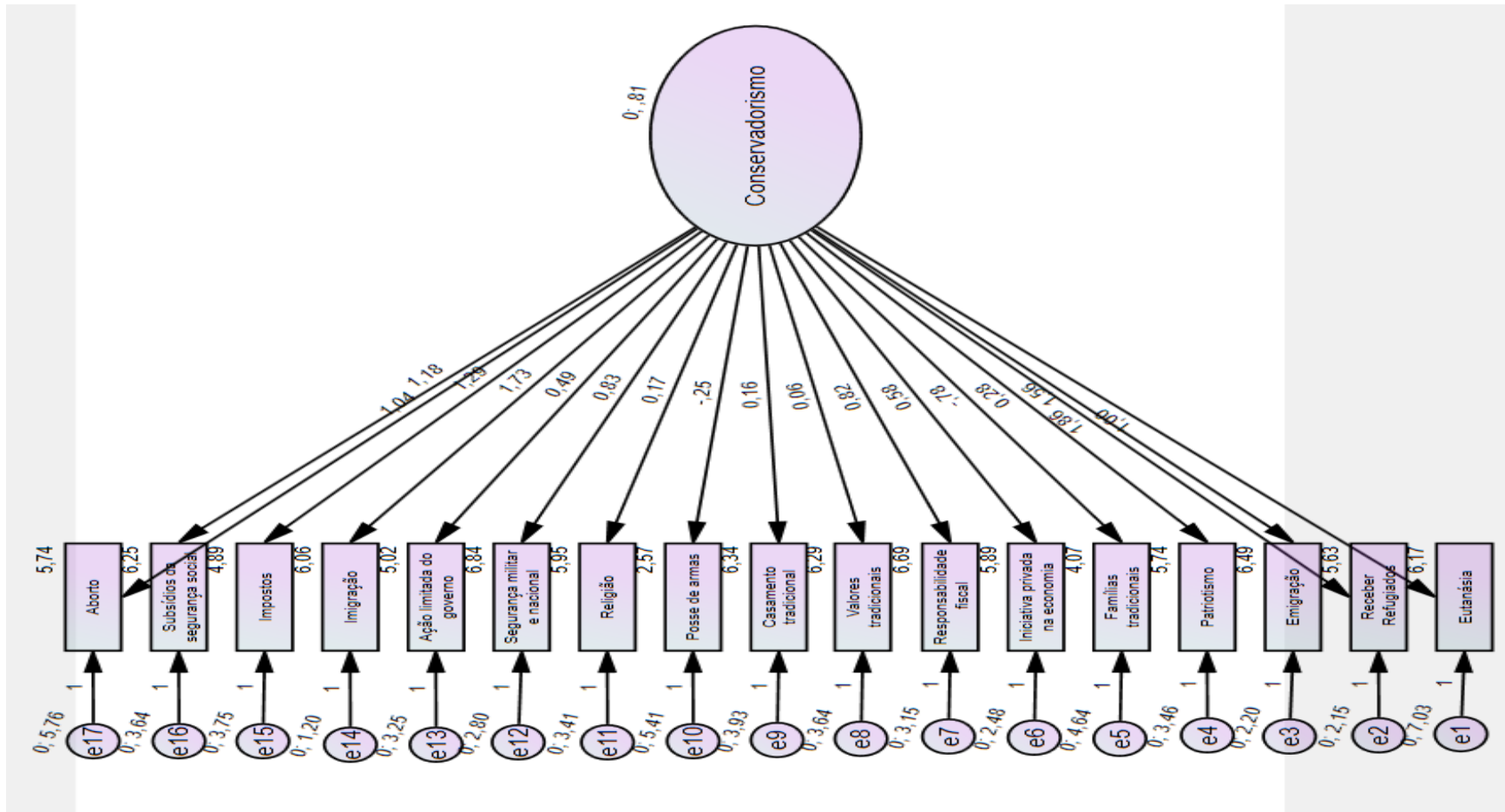
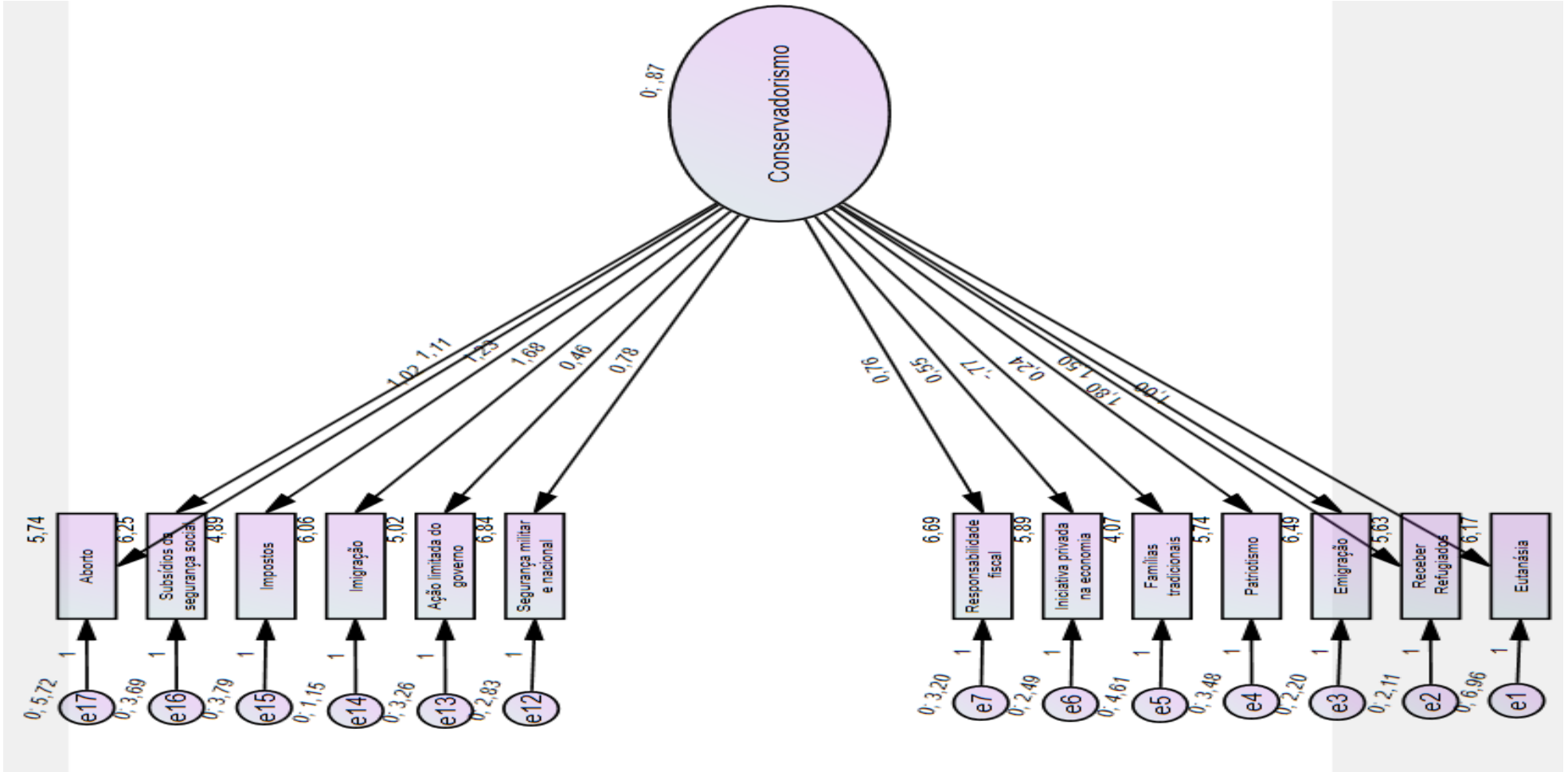


Figura 2

Modelo 1 - Análise confirmatória de alta correlação da escala ECSE (com alterações propostas na análise)



Nestas duas figuras, procedeu-se á análise confirmatória, através do programa AMOS – versão 29, da escala de conservadorismo completa.

No primeiro modelo apresentado, é possível observar que alguns itens não saturam, sendo eles o item 7- religião, o item 8 – posse de armas, o item 9 – casamento tradicional e o item 10 valores tradicionais, estes parâmetros, segundo a análise confirmatória, não trazem significância para a escala, por isso são passíveis de serem excluídos.

Deste modo, a figura 3, revela, o modelo 1, com as alterações propostas na análise confirmatória, para que se possa tornar a escala mais fiável.

Figura 3

Modelo 2 - Análise fatorial confirmatória do modelo de fatores correlacionadas da escala ECSE

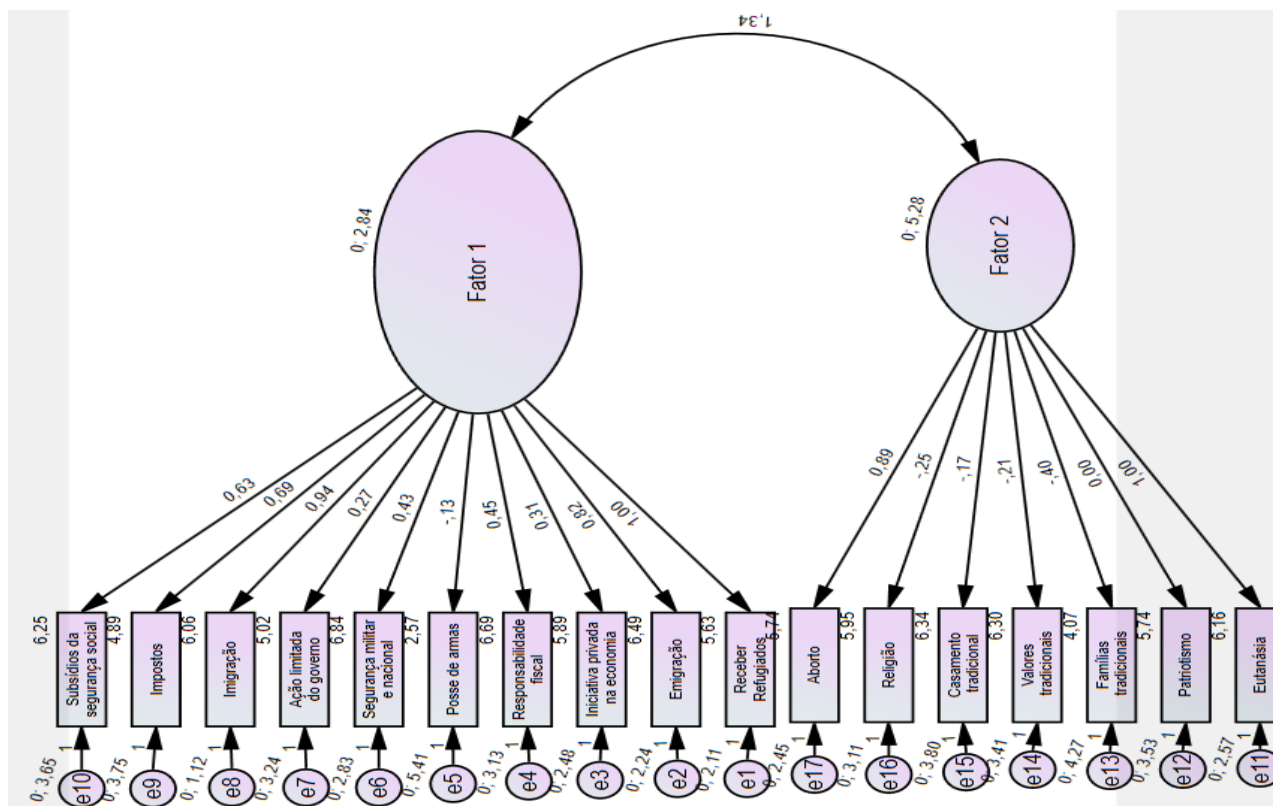
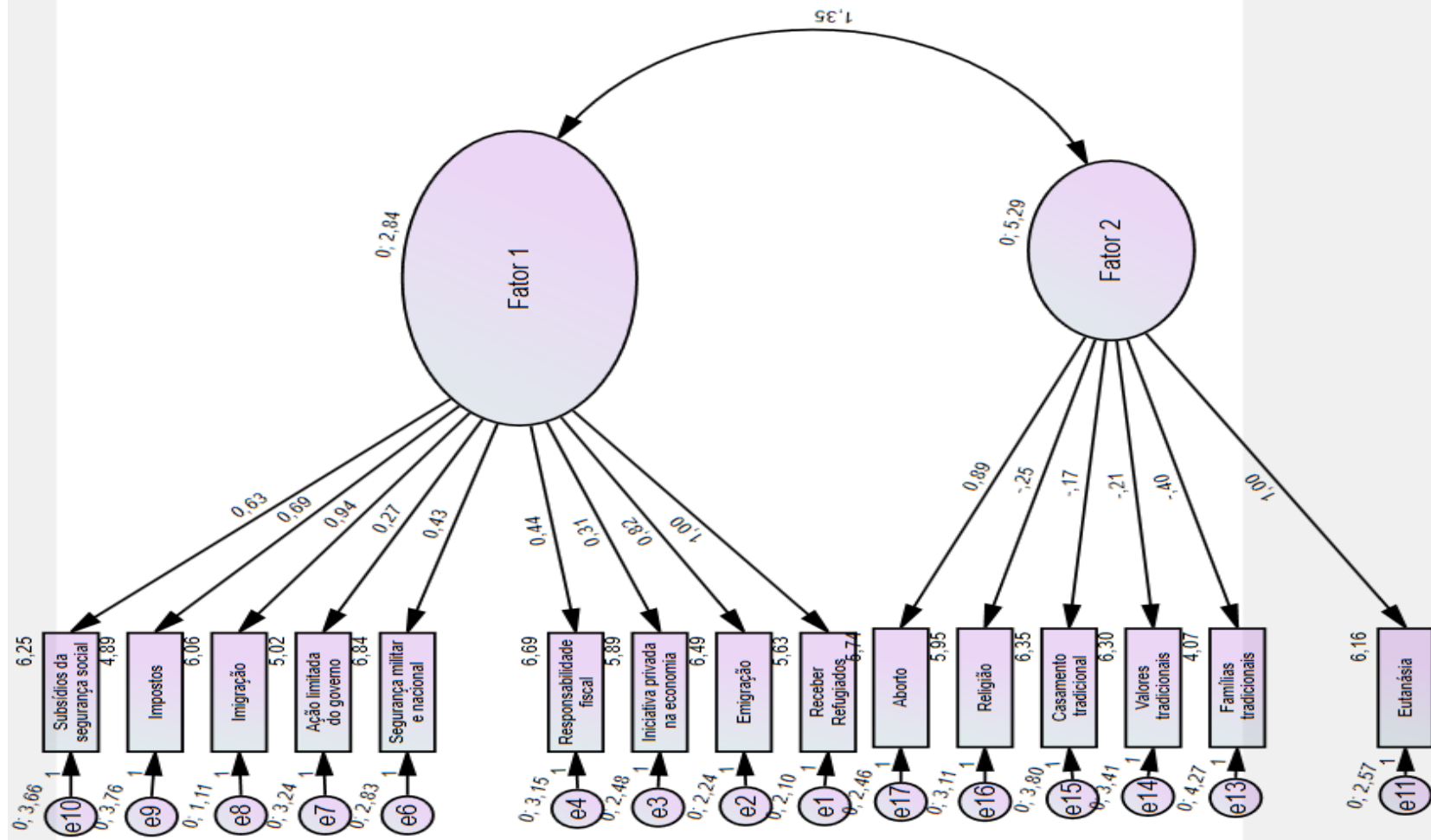


Figura 4

Modelo 2 - Análise fatorial confirmatória do modelo de fatores correlacionados da escala ECSE (com alterações propostas pela análise)



Na figura quatro, analisamos as duas subescalas da escala ECSE. Ao analisar o modelo foi possível perceber que a cotação das variáveis estavam a medir no sentido contrário, ou seja, pretendíamos medir o conservadorismo, mas os valores sugeridos pelo modelo referiam-se ao construto contrário(liberalismo). Isto é, por exemplo no caso do aborto o valor aferido, significava que a amostra é a favor do aborto, logo está a medir o contrário do conservadorismo. Por esse motivo, não foi colocado no modelo conservadorismo social e económico, mas sim fator 1 e fator 2.

Na figura cinco, o modelo 2 é apresentado com as sugestões fornecidas pela análise confirmatória, que sugeria que fossem retirados dois itens, nomeadamente, o item 8 – posse de armas e o item 14 – patriotismo, de forma a tornar o modelo 2, mais significativo.

Seguidamente, serão apresentados os valores psicométricos obtidos com a análise confirmatória.

Tabela 8

Índices de ajustamento

Índices de ajustamento						
	χ^2/df	<i>CFI</i>	<i>RMSEA</i>	<i>TLI</i>	<i>NFI</i>	<i>P</i>
MODELO 1	6,817	,580	,083	,412	,553	,000
MODELO 2	4.881	,669	,067	,549	,623	,000

Depois de realizada a análise fatorial, foi realizada a análise fatorial confirmatória da versão portuguesa do ECSE, que permitiu verificar os índices de ajustamento para a escala completa e para as duas subescalas extraídas.

Para a realização da análise confirmatória, foi usado o programa Amos-versão 29, onde foram calculados os índices de ajustamento.

Desta forma, inicialmente foi criado o modelo 1 de acordo com o apresentado no artigo original, cujos resultados foram satisfatórios, como será descrito mais abaixo.

Posteriormente, foi criado o modelo 2 e realizou-se a análise com os dois fatores extraídos da escala, que demonstraram que os valores eram igualmente satisfatórios.

Deste modo, ambos os modelos podem ser considerados satisfatórios, apesar de o modelo 2, em que a escala é subdividida em duas subescalas apresenta, valores mais ajustáveis e com características psicométricas mais satisfatórias.

No índice χ^2/df , no modelo 1, foi de 6,817 e um χ^2 de 443.122 e no modelo 2, obteve-se um χ^2/df 4.881 e um χ^2 de 434.435. Sendo que, segundo, Marôco, 2010, os valores apropriados, devem estar entre 3 e 5, o modelo 2 é o mais ajustável, pois encontra-se dentro dos valores ajustados.

No que respeita aos índices CFI, TLI e NFI, estes devem variar entre 0 e 1, sendo que valores iguais a 0,09 indicam um bom ajustamento (Thompson, 2004).

No presente estudo, o CFI foi de ,580 no primeiro modelo e ,669 no segundo, o que nos indica, que não estão dentro dos parâmetros esperados, pois deveriam estar acima dos 0,90.

O índice do TLI, apresenta um valor de ,412 no primeiro modelo e de ,549 no segundo, indicando tal como no CFI, que os valores não são aceitáveis.

O índice de NFI, é de 0,553 no primeiro modelo e de 0,623 no segundo.

No que respeita ao RMSEA, o primeiro modelo obteve um valor de ,083 e o segundo de ,067. Neste caso, partindo de um bom ajustamento valores inferiores a 0.08, apenas o primeiro modelo se encontra satisfatório.

Por fim, é possível analisar que os níveis de significância se indicam satisfatórios nos dois modelos, pois ambos aferiram um $p= ,000$.

Assim, sendo, depois da análise dos índices de ajustamento é possível defender que apesar de nenhum dos dois modelos se encontrarem dentro dos parâmetros esperados, o modelo 2, é o mais satisfatório, pois é aquele que revela valores mais próximos de um modelo bem ajustado.

Tabela 9

Alfa de Cronbach da escala ECSE e subescalas

Estatísticas de confiabilidade		
Alfa de Cronbach	Alfa de Cronbach	Alfa de Cronbach
Escala Total	Fator 1	Fator 2
	Conservadorismo	Conservadorismo
	económico	Social
,678	,769	,666

Depois de realizadas as análises fatoriais exploratórias e confirmatórias, procedeu-se ao cálculo do alfa de Cronbach. Que segundo, Streiner (2003), é a média das correlações entre os itens que fazem parte do instrumento.

De acordo com a tabela 14, podemos verificar que o alfa de Cronbach apresenta um valor de 0.678, para a escala completa de 17 itens, logo, apresenta valores entre os 0.60 e 0.80, o que significa que possui um nível de confiabilidade substancial, segundo, Landis (1977).

Quanto ao alfa de Cronbach das duas subescalas sugeridas pela análise fatorial exploratória e confirmatória, é possível verificar que ambas possuem um alfa aceitável, sendo que o fator 1 (conservadorismo económico), aferiu um valor de ,769 e o fator 2 (conservadorismo social), um valor de ,666.

Desta forma, é possível defender que a escala em questão possui um índice de fiabilidade aceitável.

Tabela 10*Tabela de estatística de item total*

Estatísticas de item-total					
	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Correlação múltipla ao quadrado	Alfa de Cronbach se o item for excluído
1. Aborto	70,82	171,68	,425	,495	,643
2. Subsídios da segurança social	71,33	180,30	,376	,356	,652
3. Impostos	69,98	179,17	,363	,416	,653
4. Imigração (entrada de cidadãos estrangeiros no país)	71,09	169,44	,681	,641	,619
5. Ação limitada do governo	70,05	197,77	,110	,211	,681
6. Segurança militar e nacional	71,84	192,49	,218	,390	,671
7. Religião	69,16	198,59	,085	,284	,684
8. Posse de armas	72,51	199,22	,031	,138	,695
9. Casamento tradicional (pela igreja)	68,70	198,71	,073	,393	,686
10. Valores tradicionais	68,77	196,85	,119	,417	,681
11. Responsabilidade fiscal	71,75	194,01	,163	,423	,677
12. Iniciativa privada na economia	71,03	192,37	,243	,244	,668

13. Famílias constituídas apenas da forma tradicional	71,00	179,58	,363	,272	,653
14. Patriotismo	69,30	209,40	-,118	,425	,705
15. Emigração (saída de cidadãos nacionais para outros países)	71,68	174,09	,521	,503	,635
16. Receber Refugiados	70,68	168,14	,574	,536	,625
17. Eutanásia	71,32	170,73	,382	,524	,649

Partindo da tabela anterior podemos verificar que a exclusão de alguns itens levaria a que o alfa de Cronbach subisse, mas de forma ligeira, como é o caso do item 5,7,9 e 10. Porém, a subida não seria muito significativa.

Por outro lado, podemos verificar, que a exclusão do item 14 – Patriotismo, levaria a uma subida significativa deste índice de fiabilidade.

Deste modo, depois da análise dos dados obtidos, é possível referir que a exclusão do item Patriotismo, seria uma mais-valia para a fiabilidade da escala.

Tabela 11

Média entre os itens da escala ECSE

Média entre os itens da escala ECSE				
Item	Mínimo	Máximo	Média	SD
1. Aborto	0	10	5,76	2,580
2. Subsídios da segurança social	0	10	6,25	2,190
3. Impostos	0	10	4,90	2,265
4. Imigração (entrada de cidadãos estrangeiros no país)	0	10	6,05	1,901
5. Ação limitada do governo	0	10	5,03	1,860
6. Segurança militar e nacional	0	10	6,84	1,838

7. Religião	0	10	5,95	1,857
8. Posse de armas	0	10	2,57	2,342
9. Casamento tradicional (pela igreja)	0	10	6,34	1,991
10. Valores tradicionais	0	10	6,29	1,913
11. Responsabilidade fiscal	0	10	6,69	1,927
12. Iniciativa privada na economia	0	10	5,89	1,664
13. Famílias constituídas apenas da forma tradicional	0	10	4,06	2,270
14. Patriotismo	0	10	5,74	1,882
15. Emigração (saída de cidadãos nacionais para outros países)	0	10	6,49	2,045
16. Receber Refugiados	0	10	5,63	2,232
17. Eutanásia	0	10	6,17	2,806

A tabela 16 é uma tabela meramente informativa, onde conseguimos perceber que a escala pode ter como resposta no mínimo 0 e no máximo 10. É possível ainda observar a resposta média a cada item. Desta forma, como podemos verificar a média do item 8 (Posse de arma) é aproximadamente 2, o que significa que é o item que os sujeitos mais discordam, respondendo “Muito Contra”. Nos restantes itens, podemos verificar que a média se situa aproximadamente entre o 5 e o 6, o que significa que na maioria das respostas os indivíduos escolheram “Neutro” ou “A favor”.

Resumindo, á exceção do item “posse de arma” em que a maioria dos participantes respondeu que não seria a favor, todos os outros itens os indivíduos ou não tinham opinião ou eram a favor.

Tabela 12*Correlações entre as escalas de conservadorismo*

Correlações entre escalas de conservadorismo			
	Conservadorismo Economico	Conservadorismo Social	Escala de Conservadorismo total
Conservadorism o Económico	1	,044	,679**
Conservadorism o Social		1	,764**
Escala de Conservadorism o total			1

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

A tabela 17, indica-nos as correlações existentes entre as próprias escalas de conservadorismo.

Ao analisarmos a escala é perceptível que a subescala de conservadorismo económico, se correlaciona, com grande significância, quando se trata da escala total (,679), ou seja, com o conservadorismo no geral.

Relativamente á subescala de conservadorismo social, denota-se que existe uma relação mínima com a subescala de conservadorismo económico (,044). Mas com a escala completa existe uma grande correlação (,764).

Desta forma, podemos verificar que ambas as subescalas se relacionam positivamente com o conservadorismo total e apesar de minimamente também se correlacionam entre si.

Por fim, a escala total do conservadorismo, é onde se nota as maiores correlações, pois esta esta diretamente relacionada com todas as outras. Isto é, a escala de conservadorismo total, correlaciona-se com grande significância, com o

conservadorismo económico (.679) e principalmente com o conservadorismo social (.764).

Tabela 13

Correlação entre o afeto e o conservadorismo

Correlações entre o afeto e o conservadorismo				
	Idade Do Participante	Afeto Positivo	Afeto Negativo	Afeto
Conservadorismo Economico	,210**	-,124	-,059	-,040
Conservadorismo Social	,407**	,172**	-,084	,168**
Escala Total de Conservadorismo	,408**	,031	-,083	,080

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

A tabela 18, indica-nos as correlações existentes entre a idade dos participantes e as escalas de conservadorismo e o afeto.

Ao analisarmos a escala é perceptível que quanto mais idade, mais conservador será, principalmente a nível do conservadorismo social (.407) e também da escala total de conservadorismo (.408).

Nesta tabela, é também, apresentada a informação acerca das correlações entre o afeto/ bem-estar – subjetivo e o conservadorismo.

Deste modo, podemos observar que o conservadorismo, não está diretamente relacionado com nenhum tipo de afeto, visto que, tanto as subescalas de conservadorismo, como a escala completa têm um valor muito baixo na sua correlação. Apesar de o afeto

positivo, apresentar um valor mais elevado, na sua correlação com os vários tipos de conservadorismo. Porém, este valor, não é muito significativo.

Por outro lado, é nos possível averiguar se o afeto, poderá estar relacionado com o conservadorismo. Assim, ao analisarmos a tabela, verificamos que o afeto (positivo e negativo), também não estão relacionados com o conservadorismo.

Por fim, é possível analisar o afeto em relação ao conservadorismo total e vice-versa. E tal como nas correlações observadas anteriormente, também não existe valores significativos, na correlação entre estes parâmetros, apesar de o conservadorismo social demonstrar valores mais elevados na sua correlação com o afeto.

Concluimos, desta forma que o conservadorismo em geral não está relacionado com o afeto em geral e vice-versa, pois a correlação existente entre estes constructos é mínima.

4 – Discussão de resultados

Este estudo realizou-se com dois fundamentos principais, sendo o primeiro validação da escala de ECSE (Escala de conservadorismo Social e Económico) para a população portuguesa. E em segundo analisar e entender a existência ou inexistência de relação entre o conservadorismo e o afeto. A discussão irá ser realizada, consoante as questões anteriormente mencionadas.

4.1 - Validade psicométrica da escala ECSE

A primeira questão em estudo prende-se com a validade psicométrica da escala ECSE. Para iniciar a discussão dos resultados é importante, referir que a versão portuguesa da ECSE, possui 17 itens ao contrário da original que apenas possui 12 itens. A literatura sugere, igualmente, que os indivíduos podem de fato achar difícil posicionar-se com precisão em uma dimensão conservador-liberal auto-relatada (Zell & Bernstein, 2013).

A primeira questão que se tenta confirmar ao longo deste estudo era se “A versão portuguesa do ECSE apresentava características psicométricas adequadas?” Para confirmar esta questão, foi realizada uma análise fatorial exploratória e confirmatória,

para testar a validade da escala, que permitiu validar a hipótese em estudo que refere que “A versão portuguesa da Escala de Conservadorismo Social e Económica, possui características psicométricas adequadas para a população portuguesa”.

Através da análise fatorial exploratória, conclui-se que a extração que melhor explica a escala é através de dois fatores/dimensões, que são: a subescala de conservadorismo económico e a de conservadorismo social. Comparativamente à escala original de Everett, a versão portuguesa apresenta os mesmos dois fatores, ou seja, tal como no caso português, Everett, concluiu que a melhor extração era a de dois fatores, que subdivide a escala em conservadorismo económico e social.

Porém, quando comparamos com outras escalas, existentes na literatura, existe poucas semelhanças entre a ECSE e elas. Isto é, a maioria das escalas existentes, possui mais dimensões (subescalas), do que a ECSE. Por exemplo, a escala F-SCALE de adorno e colegas (1950), possui dez dimensões(subescalas), que são: o convencionalismo, a religião, a superstição, a dureza, a autocrítica, o cinismo, a projectividades e o sexo. Estas dimensões visam sobretudo avaliar a personalidade autoritária. Por outro lado, temos a SDO – SCALE, que avalia o traço da personalidade conservadorista, através da escala de dominância, de anti igualitarismo e da SDO-16 (que mede o conservadorismo geral). A RWA-SCALE, é uma escala que tem como objetivo avaliar a personalidade autoritária através de três dimensões: Submissão, Agressão e Convencionalismo.

Por outro lado, a C-SCALE, avalia a ideologia política, através de duas dimensões, tal como a ECSE. Porém, as subescalas de cada instrumento são um pouco diferentes, pois a C-SCALE avalia a ideologia política através das subescalas de conservadorismo e liberalismo, tentando perceber a diferença entre estes dois grupos, enquanto a ECSE, mede o comportamento conservador através da subescala de conservadorismo económico e social, ou seja, tenta perceber se o sujeito é mais conservador a nível social ou económico.

Desta forma, é possível referir que a ECSE, a nível de dimensões, não é comparável à maioria das escalas existentes, apesar de todas tentarem medir o mesmo construto, ou seja, a forma como a pessoa se posiciona em relação ao conservadorismo e quais as atitudes mais experienciadas pelos conservadoristas.

Relativamente aos itens, a escala ECSE, também difere das outras, pois a escala em estudo é uma escala que apresenta apenas uma palavra por item, ou seja, o sujeito deve se posicionar relativamente aquela palavra/item, através de uma escala de Lickert de dez pontos. Porém, nas outras escalas isso não acontece, na F-SCALE, é dada uma

frase (por exemplo: A obediência e o respeito pela autoridade são as virtudes mais importantes que as crianças devem aprender.), em que o sujeito se deve posicionar relativamente a ela, o que torna a escolha mais fácil. No mesmo sentido a escala SDO-SCALE, a RWA -SCALE e a C-SCALE são avaliadas através de frases, declarações ou opiniões.

Desta forma, neste ponto a escala de conservadorismo proposta por Everett, e traduzida para português, também não se compara às escalas já existentes. Assim, é possível referir que a escala proposta por Everett, em relação à sua estrutura não se assemelha com as já existentes na literatura.

Porém, tanto esta como as outras escalas, pretendem medir a ideologia conservadora e as atitudes conservadoras.

Seguidamente, quanto aos dados obtidos através da análise fatorial exploratória e confirmatória, serão realizadas uma discussão entre os dados obtidos e a escala original.

A análise fatorial é uma importante técnica de análise multivariada, que se divide em análise fatorial exploratória e análise fatorial confirmatória. Esta é um tipo de análise estatística com vista a analisar as diferentes variáveis (León, 2011).

Desta forma, segundo, León (2011), a análise fatorial é um tipo de método estatístico multivariado, tendo como principal objetivo decifrar a estrutura fatorial subjacente a um conjunto de dados correlacionados, baseando-se, no cálculo de um conjunto de dimensões latentes, conhecidas como fatores e ao qual se tenta explicar relações.

Inicialmente, numa análise fatorial é necessário começar por testar a validade da escala. Para testar este construto recorreu-se ao KMO (Kaiser – Meyer – Olkin), que apresenta um valor de ,746, que segundo Hair, Anderson & Tatham (1987), é um valor aceitável, pois situa-se entre os 0.5 e 1. Estes valores indicam que a escala tem consistência interna, o que nos permite passar à próxima fase, da análise fatorial.

Comparativamente ao estudo original, há uma pequena diferença entre os resultados obtidos, sendo que, o artigo original refere um KMO de ,88, o que torna a escala original mais fiável. No caso português, a escala obteve um valor, ligeiramente mais baixo (,746), que poderá dever-se ao facto da amostra, não ser homogénea, em questão de idades e género e igualmente, ao facto de esta escala ter sido traduzida, transformada e adaptada à língua portuguesa, o que levou, a que alguns itens fossem modificados e outros acrescentados, para que a escala fizesse sentido na versão portuguesa. Contudo, estas mudanças, podem levar à diminuição da validade da escala.

Portanto, com a análise fatorial exploratória podemos verificar que a extração de fatores, sem qualquer critério, explica 62,355% da variância total explicada, sobressaindo cinco fatores, maiores que um. Porém, nesta extração, existiam dois fatores com apenas dois itens, o que significa que não devem ser retidos, por esse motivo, procedeu-se a uma nova extração, onde se obteve três fatores que explicavam 47,990%, da variância total explicada. Contudo, continuava a existir um fator que era passível de ser excluído, pois apenas possuía dois itens. Deste modo, procedeu-se a uma nova extração, desta vez com a especificação de dois fatores, que explicavam 39,124% da variância total explicada. Neste estudo, optou-se por selecionar esta opção de dois fatores, pois parece ser o que melhor explica a escala em si., pois estas duas dimensões, são as que melhor explicam os itens que compõem a escala.

No estudo de Everett, (2013), os dados obtidos são muito idênticos, ou seja, a primeira extração do estudo original, ao contrário do estudo português que extrai cinco fatores, Everett, consegue uma extração de três fatores e uma explicação da variância total de 43%. Esta diferença, poderá dever-se ao método de extração utilizado, pois Everett usou o método de extração de componentes principais, sem rotação e no estudo atual foi utilizada a rotação varimax. Mas tal como no estudo português, existia um fator que não saturava, visto ser composto apenas por dois itens. Por esse motivo, foi realizada uma nova extração, com especificação de dois fatores, tal como no estudo português, que levou ao modelo da escala atual, em que divide o conservadorismo em económico e social. Assim, é possível referir que ambos os estudos, neste ponto são semelhantes.

Posteriormente, procedeu-se á análise fatorial confirmatória através do AMOS - 29. Esta constitui uma diferença entre o estudo original e este, visto que a análise confirmatória do estudo original, foi realizada através do programa MPLUS.

Este tipo de análise, foi utilizada para avaliar os níveis de ajustamento da escala portuguesa e foram testados os seguintes índices: CFI, TLI, NFI, RMSEA e χ^2/df .

Com estes testes, foram obtidos dois modelos da escala ECSE e em ambos se pode notar que os valores ficam um bocado aquém do esperado.

Relativamente ao qui quadrado - χ^2/df , o primeiro modelo obteve um valor de 6,817, e o segundo modelo um valor de 4,881. O que significa que se situam entre os valores de 3 e 5, defendidos por vários autores, logo apresentam valores aceitáveis para os índices de ajustamento da escala.

Everett, no seu estudo, testa igualmente alguns dos índices de ajustamento, obtendo um valor de qui-quadrado de 2,50. O que significa que comparado com o estudo

português os modelos alcançados, neste estudo, têm um índice de ajustamento mais elevado, relativamente ao qui-quadrado. Este valor superior, poderá dever-se ao facto de a amostra ser maior.

Quanto aos valores de CFI (.669), TLI (.549) e NFI (.623), os valores auferidos são pouco satisfatórios pois segundo a literatura devem ser maiores do que 0,90. Porém, neste ponto, não existe um meio de comparação, visto que no estudo original, estes índices não são referidos.

Por fim, quanto ao valor de RMSEA é de ,067, o que segundo a literatura, é um valor ajustável, pois encontra-se no intervalo de 0 e 1. Este é um índice que estima a quantidade de aproximação de erros, por graus de liberdade, tendo em conta o tamanho da amostra (Kline, 1998).

No artigo original, Everett, obteve um valor de RMSEA de 0.07, o que significa que, tanto a escala inglesa como a portuguesa, possuem valores ajustáveis no caso do índice de RMSEA, apesar de a escala inglesa ter um índice mais ajustável, sendo que se encontra mais próxima de zero.

Assim, de acordo, com a análise fatorial exploratória e confirmatória, é possível dizer que apesar da escala SECS e da ECSE, apresentarem valores ligeiramente diferentes, ambas na sua maioria apresentam valores ajustáveis e satisfatórios, logo características psicométricas, dentro do esperado.

Desta forma, quanto á consciência interna da escala, foi testado o Alfa de Cronbach, onde se aferiu um valor de ,693, que se encontra entre os 0.60 e 0.80, significando que possui um nível de confiabilidade substancial, segundo, Landis (1977).

Comparativamente ao artigo original, é possível verificar que os valores obtidos na versão portuguesa da escala ECSE, são relativamente mais baixos, do que no original, visto que, Everett, conseguiu um valor de ,88. Esta diferença, poderá dever-se ao número de itens, visto que uma é constituída por 12 itens e a outra por 17 ou mesmo ao tamanho da amostra e á sua tradução.

Apesar da diferença, podemos verificar que em ambos os valores obtidos são aceitáveis, referindo desta forma, que ambas apresentam valores adequados de consistência interna.

Desta forma, as avaliações das características psicométricas desta escala irão contribuir significativamente para o desenvolvimento de futuros estudos relacionados com o conservadorismo e a psicologia. Como verificamos anteriormente, através dos

dados obtidos, a escala em questão terá características psicométricas adequadas, confirmando a primeira questão em estudo.

Porém, este é um estudo com algumas limitações, que em estudos futuros devem ser colmatadas, como por exemplo o facto de os inquiridos serem de uma área restrita, ou seja, centro e norte do país.

4.2 – Relação do conservadorismo com os afetos, uma das dimensões do bem-estar subjetivo

A segunda questão que se tenta confirmar é a seguinte “O conservadorismo social e económico está relacionado com os afetos, uma das dimensões do bem-estar subjetivo?”.

Para proceder á comprobatória desta questão foram realizadas correlações entre a escala de afeto e a escala de conservadorismo, juntamente com as idades. Porém, nesta altura do processo, foi necessário proceder á inversão dos itens (não foram todos), isto, porque eles estavam a medir o inverso do conservadorismo, ou seja, a escala estaria a dar-nos valores relativos ao liberalismo e não ao conservadorismo. No estudo original de Everett, apesar de não estar identificado a inversão dos dados é possível notar através das tabelas existentes, que o autor, necessitou igualmente de realizar esta inversão, para obter dados fiáveis. Por outro lado, Everett, 2013, refere no seu artigo que os participantes tendiam a se classificar como mais liberais.

Assim, ao analisarmos os dados obtidos, é possível perceber que a idade está bastante relacionada com o conservadorismo, nomeadamente a nível social, ou seja, quanto mais idade tiver, mais conservadorista será, principalmente no que toca a nível social, isto é, ao casamento tradicional, valores e tradições. Isto porque a ideologia conservadorista se baseia essencialmente em tradições e regras, que devem de ser seguidas, logo, quanto mais idade o sujeito tiver, menos abertura á mudança existirá, o que levará a altos níveis de conservadorismo social. Tal como, Block e Block, 2006, referem, as diferenças individuais ligadas às ideologias podem ser rastreadas até a primeira infância, logo, a idade pode ser um preditor de conservadorismo.

Van Hiel e Brebels, 2011, verificaram que o conservadorismo estava positivamente relacionado à autoestima e que essa associação se tornava mais pronunciada com o aumento da idade. Deste modo, tal como o estudo realizado, refere o conservadorismo está relacionado com a idade, ou seja, quanto mais idade mais

conservador o sujeito irá ser e menos afetos, estará disposto a experienciar, pois isso levará a uma mudança que o indivíduo não está disposto a aceitar.

Relativamente á correlação entre conservadorismo e afeto, esta é praticamente inexistente, ou seja, praticamente não existe correlação entre as escalas de afeto e as de conservadorismo.

Ao contrário dos vários estudos presentes, na literatura inglesa, no nosso estudo não conseguimos provar que existe uma correlação positiva entre estes dois construtos, pois os dados obtidos são muito baixos, demonstrado que existe uma correlação muito leve entre as duas variáveis.

Na literatura inglesa, há vários estudos que provam a relação entre afeto e conservadorismo. Segundo, Leone e Chirumbolo (2008), o conservadorismo, está diretamente ligado a sentimentos de estabilidade e de previsibilidade, ou seja, ás tradições, que segundo os conservadoristas, levam á estabilidade, logo a afetos positivos.

Bart (2012), defende que o conservadorismo é um bom construto para o bem-estar e autoestima, principalmente na idade adulta.

Jost, 2006, refere que os indivíduos preferem os sistemas de crenças ideológicas que melhor se adaptam às suas necessidades psicológicas e que evitam a experiência de afetos negativos. Desta forma, segundo estes autores, se o sujeito seguir as regras do conservadorismo, poderá experienciar altos níveis de afetos positivos e um alto nível de autoestima. No estudo, realizado, conseguimos alcançar a mesma premissa que estes autores, pois a maior correlação encontrada, apesar de ser muito insignificante, pois é muito baixa, é entre conservadorismo social e afeto positivo, ou seja, se o indivíduo seguir as regras impostas por “Deus/ Governo”, experienciará mais afetos positivos e estará bem com a sociedade e consigo próprio.

A literatura, refere ainda que o conservadorismo, poderá estar ligado a traços da personalidade, isto é, sujeitos mais motivados para evitar emoções fortes, estarão mais ligados ao conservadorismo e este tipo de personalidade, levará a que o sujeito experiencie menos afetos negativos, pois este tipo de sujeitos, evita a mudança o que leva a que evite igualmente afetos negativos (Maio & Esses, 2001).

Por outro lado, podemos referir, através dos dados obtidos neste estudo, que a subescala do conservadorismo social é a que possui uma maior relação com a escala do afeto em geral (.168), o que significará, tal como os dados documentados na literatura,

que esta subescala, que inclui as tradições e regras é a que mais influencia positivamente e negativamente o afeto.

Desta forma, segundo, Tomkins, 1995, os conservadores tendem a ver a sociedade em mudança de forma pessimista, por isso para eles, a sociedade só funcionará se fizer a sua função, que é criar regras de forma a prevenir os comportamentos motivados pelas emoções, que levaram á mudança. Altemeyer,1998, refere que aqueles sujeitos que percebem as emoções como algo perturbador, estão mais ligados a ideologias conservadoras. Assim, sendo, se observarmos o estudo realizado por outro prisma, podemos referir que a correlação entre o conservadorismo e o afeto é mínima, pois os afetos, levam às emoções e as emoções levaram á mudança, que para os conservadoristas é algo errado, logo, quanto menos emoções, menos mudanças existirão e mais felizes serão os apoiantes desta ideologia.

Por outro prisma, Pienaar, Beukes & Esterhuyse (2006), defendem, que os níveis de conservadorismo são mais altos, consoante o local onde o sujeito vive, ou seja, locais mais isolados, têm mais probabilidade de apresentar altos níveis de conservadorismo, experienciando mais afetos positivos. Desta forma, o estudo em questão foi realizado essencialmente na cidade, o quer poderá levar aos resultados obtidos, ou seja, visto a cidade ser mais desenvolvida, não apresentará grandes níveis de conservadorismo, logo a obtenção de baixos valores de correlação entre estes dois construtos. Em estudos futuros, era importante realizar o estudo com indivíduos dos vários locais do país de forma a ter uma amostra mais fidedigna e seria igualmente interessante comparar os dados obtidos entre a cidade e aldeia, de forma a perceber se realmente o local onde o sujeito vive influenciará os seus afetos e ideologias. Estes autores, no seu estudo, provaram que os adolescentes que habitam em localidades mais remotas, apresenta altos níveis de conservadorismo e que experienciam igualmente bastantes afetos positivos. Assim, tal como no estudo desenvolvido, os maiores valores de correlação obtidos é com o afeto positivo, porém, são valores muito baixos, talvez por termos uma amostra em sua maioria residente em cidades e não em locais mais remotos/isolados.

Contudo, no nosso estudo, não foi obtida, uma correlação significativa entre estes dois construtos, como se esperava.

Porém, como podemos verificar há vários autores que conseguiram comprovar a relação positiva entre bem-estar e conservadorismo., documentando -a.

Por outro lado, podemos referir que a inexistência de relação entre conservadorismo e afeto, presente neste estudo, deve-se ao fato dos conservadores

evitarem a mudança, logo, evitaram as emoções e afetos que possam despoletar qualquer tipo de mudança e quebra das tradições e regras.

De outro modo, o facto dos nossos inquiridos serem essencialmente da cidade, poderá ter levado á obtenção destes resultados.

Assim sendo, é possível referir, que quanto á segunda questão em estudo, não é possível confirmar, ou seja, segundo os dados obtidos a correlação entre o conservadorismo, as suas subescalas, o afeto e as suas sub-dimenções, praticamente não se relacionam, pois, os dados obtidos, são muito baixos, o que significa, que a influencia do conservadorismo no afeto e vice-versa é muito baixa.

Deste modo, a hipótese validada nesta questão foi “O conservadorismo social e económico não está relacionado com os afetos.”

Porém, mais uma vez é importante, em estudos futuros, ter em consideração a qualidade de vida, que não foi estudada neste trabalho, mas que poderá ser influenciada pelo conservadorismo. Desta forma, no futuro, é importante estudar a relação entre conservadorismo e qualidade de vida.

4.3– Limitações do estudo

Este estudo teve como principal objetivo avaliar as características psicométricas da escala ECSE, com a finalidade de aferir a escala á população portuguesa e a relação entre o conservadorismo e afeto.

Porém, tal como a maioria dos instrumentos, num primeiro contacto poderá apresentar algumas limitações como:

A amostra, apesar de ser uma amostra extensa, era um pouco homogénea, sendo restrita geograficamente, ou seja, seria importante estudar uma amostra mais representativa, que não fossem na sua maioria sujeitos do norte e centro país, mas sim de todo o território português.

Os instrumentos, apesar de todos os instrumentos serem importantes, a obtenção dos dados era realizada através de uma bateria de ferramentas um pouco extensos, que poderia conduzir ao cansaço e a respostas dadas aleatoriamente.

A escala de Lickert. A forma como a escala de Lickert estava estruturada (10 pontos), poderia não ser a mais apropriada, pois poderia causar alguma confusão no

sujeito inquirido, visto termos obtidos dados que avaliavam o liberalismo e não o conservadorismo.

A constituição da escala, ou seja, o facto de os itens serem compostos apenas por uma palavra, poderia dificultar a posição do inquirido.

Desta forma, é possível referir que existe algumas limitações ao estudo, apesar de não serem significativas, mas que em estudos futuros se deve ter em atenção.

4.4– Estudos Futuros

Este estudo, terá sido um dos primeiros nesta área a realizar-se em Portugal e é muito importante que se continue a estudar estas áreas. Pois, neste trabalho, apenas relacionamos afeto com conservadorismo, mas seria interessante tentar relacionar a qualidade de vida também com o conservadorismo.

Desta forma, futuramente, pensa – se que seria importante e interessante, a comparação entre os dados obtidos numa população jovem e numa população acima dos 60 anos, com o objetivo de perceber as diferenças entre os dois grupos.

Seria igualmente interessante, realizar o mesmo estudo, mas comparando os indivíduos das diferentes partes do território, ou seja, comparando o norte e centro com o sul e algarve. No mesmo sentido, seria igualmente interessante comparar os dados obtidos em aldeias com os obtidos em cidades.

Outro aspeto interessante, futuramente seria a correlação entre o conservadorismo e as suas subescalas com a qualidade de vida. Apesar do estudo em questão não demonstrar uma correlação positiva entre estes dois construtos, há na literatura autores que referem que os valores e os fatores externos podem influenciar a qualidade e quantidade de afetos e os níveis de bem-estar, principalmente na literatura inglesa, há muitos relatos sobre a relação destes construtos.

Por esse motivo, é importante, continuar a realizar estudos, nesta área, para entender esta relação, entre estes dois construtos.

Referências bibliográficas

- Adorno, T. W., Frenkel-Brunswik, E., Levinson, D. J., & Sanford, R. N. (1950). *The authoritarian personality*. Harper.
- Adorno, T. W., Frenkel-Brunswik, E., Levinson, D. J., & Sanford, R. N. (2006). La personalidad autoritaria. *Revista de Metodología de las Ciencias sociales*, 12, 155-200. <https://doi.org/10.5944/empiria.12.2006.1144>
- Albuquerque, A. S., & Tróccoli, B. T. (2004). Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 153-164. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722004000200008>
- Altemeyer, R., A. (1998). The other “authoritarian personality”. *Advances in experimental Social Psychology*, 30, 47-91. <https://dx.doi.org/10.1027/1614-0001.27.3.117>
- Althusser, L. (1958). *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Editorial Presença.
- Althusser, L. (1967). *Análise crítica da teoria marxista (Pour Marx)*. Zahar Editores.
- Barroco, M.L. (2015), Não passarão! ofensiva neoconservadora e serviço social. *Revista Serviço Social E Sociedade*, 124, 623-636. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.042>
- Bart, S., & Bart, D. (2012). Does conservatism have a self – esteem enhancing function? An examination of associations with contingent self-worth and ill-being in late adults. *Personality and Individual Differences*, 52(6), 728-732. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.12.037>
- Block, J., & Block, J. H. (2006). Nursery school and political orientation two decades later. *Journal of Research in Personality*, 40(5), 734–749. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2005.09.005>
- Burke, E. (2014), *Reflexões sobre a revolução na França*. Edipro.
- Burke, Ed. (2001), Reflexões sobre a revolução na França. In: F. Weffort (ED.). *Os clássicos da política*. Ática
- Cárdenas, M., & Parra, L. (2010). Adaptación y validación de la Versión Abreviada de la Escala de Autoritarismos de Derechas (RWA) en una muestra chilena. *Revista de Psicología*, 19(1), 61-79.
- Cardoso, P. F. G., (2016). O projeto ético-político em tempos de radicalização do conservadorismo: resistência e intransigência na luta por emancipação. Emancipa: o cotidiano em debate, São Paulo: Revista do Conselho Regional de Serviço Social de São Paulo (CRESS 9ª região), n. 1,

- Cardoso, P.F.G. (2013). *A perspectiva conservadora e o Serviço Social: Ética e projetos profissionais: Os diferentes caminhos do serviço social no Brasil*. Papel Social
- Carraro, L., Castelli, L., & Macchiella, C. (2011). The automatic conservative: ideology-based attentional asymmetries in the processing of valenced information. *Plos One*, 6.
- Castelli, L., & Carraro, L. (2011). Ideology is related to basic cognitive processes involved in attitude formation. *Journal of Experimental Social Psychology*, 47(5), 1013-1016. <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2011.03.016>
- Castello-Branco, J. T. (2013). Conservadorismo. In Rosas, J. C. & Ferreira, R. (Eds.), *Ideologias Políticas Contemporâneas*. Almedina
- Costa, L., S., M., & Pereira, C. A. A. (2007). Bem-estar subjetivo: Aspectos conceituais. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 59(1), 72-80.
- Costa, P. & McCrae, R.R. (1980). Influence of extraversion and neuroticism on subjective well-being: Happy and unhappy people. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38(4), 668-678. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.38.4.668>
- Costa, P.T. & McCrae, R.R., (1992). NEO-PI-R: Professional Manual. FL: Psychological Assessment Resources.
- Csikszentmihalyi, M. & Wong, M. (1991). The situational and personal correlates of happiness: a cross-national comparison. In Strack, F. Argyle, M. & Schwartz, N. (Eds). *Subjective well-being: An interdisciplinary perspective*. Pergamon Press
- Csikszentmihalyi, M. (1999). *A descoberta do fluxo: a psicologia do envolvimento com a vida cotidiana*. Rocco
- Cummins, R.A. (1998). The second approximation to an international standard of life satisfaction. *Social Indicators Research*, 43, 307-334.
- Demier, F. & Hoeveler R. (2016). *A onda conservadora: Ensaio sobre os atuais tempos sombrios no Brasil*. Mauad.
- Diener, E. & Diener, C. (1996). A maioria das pessoas está feliz. *Ciência psicológica*, 7 (3), 181-185.
- Diener, E. & Emmons, R. A. (1985). The independence of positive and negative affect. *Journal of Personality and Social Psychology*, 47(5), 1105–1117. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.47.5.1105>
- Diener, E. (1984). Bem-estar subjetivo. *Boletim psicológico*, 95(3), 542-575. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.95.3.542>

- Diener, E. (1994). Assessing subjective well-being: Progress and opportunities. *Social Indicators Research*, 31, 103-157.
- Diener, E. L. R. & Scollon, C. N. (2006). Beyond the hedonic treadmill: Revising the adaptation theory of well-being. *American Psychologist*, 61(4), 305-314.
- Diener, E., & Lucas, R. F. (2000). *Subjective emotional well-being*. Guilford.
- Diener, E., & Lucas, RE (1999). 11 personalidade e bem-estar subjetivo. *Bem-estar: Fundamentos da psicologia hedônica*, 213.
- Diener, E., & Ryan, A. (2011). *National accounts of well-being for public policy*. Psychology Press.
- Diener, E., & Scollon, CN (2014). O quê, por que, quando e como ensinar a ciência do bem-estar subjetivo. *Ensino de Psicologia*, 41 (2), 175-183.
- Diener, E., Lucas, R. E., & Oishi, S. (2005). *The nonobvious social psychology of happiness*. *Psychological Inquiry*, 16(4), 162-167.
https://doi.org/10.1207/s15327965pli1604_04
- Diener, E., Oishi, S., & Lucas, R. E. (2003). Personality, culture, and subjective well-being: emotional and cognitive evaluations of life. *Annual Review of Psychology*, 54, 403-425.
- Diener, E., Oishi, S., & Lucas, RE (2015). Contas nacionais de bem-estar subjetivo. *Psicólogo americano*, 70 (3), 234.
- Diener, E., Suh, E., & Oishi, S. (1997). Descobertas recentes sobre o bem-estar subjetivo. *Jornal indiano de psicologia clínica*, 24, 25-41.
- Diener, E., Suh, E.M., Lucas, R.E. & Smith, H.L. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological Bulletin*, 125(2), 276-302.
- Everett, J.A., (2013). A escala de conservadorismo social e econômico de 12 itens (SECS). *PloS um*, 8 (12).
- Feist, G. J., Bodner, T. E., Jacobs, J. F., Miles, M., & Tan, V. (1995). Integrating top-down and bottom-up structural models of subjective well-being: a longitudinal investigation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(1), 138-150.
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.68.1.138>
- Ferreira, G., & Botelho, A. (2010). *Reverendo o pensamento conservador*. Hucitec.
- Freire, T., & S Almeida, L. (2008). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Psiquilíbrios Edições.

- Gaderman, A., & Zumbo, B. D. (2007). Investigating the intra-individual variability and trajectories of subjective well-being. *Social Indicators Research*, 81,1-33. <https://doi.org/10.1007/s11205-006-0015-x>
- Galinha, I. C. (2008). *Bem-estar subjetivo: fatores cognitivos, afetivos e contextuais*. Quarteto
- Galinha, I. C., Pereira, C. R., & Esteves, F. (2014). Versão reduzida da escala portuguesa de afeto positivo e negativo-panas-vrp: Análise fatorial confirmatória e invariância temporal. *Psicologia*, 28(1), 53-65. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v28i1.622>
- Galinha, I. C., Pereira, C. R., & Esteves, F. G. (2013). Confirmatory factor analysis and temporal invariance of the positive and negative affect schedule (panas). *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4), 671-679. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000400007>
- Galinha, I., & Ribeiro, J. P. (2005). História e evolução do conceito de bem-estar subjetivo. *Psicologia, saúde e doenças*, 6(2), 203-214.
- Garcia, D., & Erlandsson, A. (2011). The relationship between personality and subjective well-being: Different association patterns when measuring the affective component in frequency and intensity. *Journal of Happiness Studies*, 12(6), 1023-1034. <https://doi.org/10.1007/s10902-010-9242-6>
- Giacomini, E., & Rizzotto, M. L. F. (2022). Diagnóstico em saúde mental: aceitação e desprezo da pluralidade. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 32(3), 1-17. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312022320302>
- Giacomini, C. H. (2004). Bem-estar subjetivo: Em busca da qualidade de vida. *Temas em Psicologia*, 12(1), 43-50.
- Giacomini, C. H., & Hutz, C. S. (1997). A mensuração do bem-estar subjetivo: Escala de afeto positivo e negativo e escala de satisfação de vida. In *Sociedade Interamericana de Psicologia*.
- Graziano, L. D. (2005). *A felicidade revisitada: Um estudo sobre bem-estar subjetivo na visão da psicologia positiva* [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo].
- Heady, B. & Wearing, A., (1989). Personality, Life Events and Subjective Well – Being : Toward a Dynamic Equilibrium Model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(4), 731-739.

- Henningham, J. P. (1996). A 12-item scale of social conservatism. *Personality and Individual Differences*, 20(4), 517–519. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(95\)00192-1](https://doi.org/10.1016/0191-8869(95)00192-1)
- Hill, M.M., & Hill, A. (2008). *Investigação por questionário*. Edições Sílabo.
- Huntington, S. P. (1957). Conservatism as an Ideology. *The American Political Science Review*, 51(2), 454–473. <https://doi.org/10.2307/1952202>
- Jost, J. T. (2006). The end of ideology. *American Psychologist*, 61, 651-670. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.61.7.651>
- Jost, J. T., Glaser, J., Kruglanski, A. W., & Sulloway, F., J. (2003). Political conservatism as motivated social cognition. *Psychological Bulletin*, 129(3), 339-375. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.3.339>
- Kercher, K. (1992). Avaliando o bem-estar subjetivo no idoso: O PANAS como uma medida de dimensões ortogonais de afeto positivo e negativo. *Research on Aging*, 14 (2), 131-168.
- Keyes, C. L. M. (1995). The structure of psychological well-being revisited. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(4), 719-27. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.69.4.719>
- Kinzo, M.D., (2001). Burke: a continuidade contra a ruptura. In F. Weffort, *Os clássicos da política*. Ática.
- Kirk, R. (1919). *A política da prudência*. Realizações editora.
- Kirton, M. J. (1978). Wilson and Patterson's conservatism scale: A shortened alternative form. *British Journal of Social & Clinical Psychology*, 17(4), 319–323. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8260.1978.tb00286.x>
- Kline, P. (1998). *A nova psicometria: ciência, psicologia e medição*. Imprensa Psicologia.
- Kline, RB (1998). *Modelagem de equações estruturais*. Guilford.
- Kozma, A. (1996). *Top-down and bottom-up approaches to an understanding of subjective well-being*. World Conference on Quality of Life.
- Land, K. C. (1975). Social indicators models: an overview. In K. C. Land, & S. Spilerman (Orgs.), *Social Indicator Models* (pp. 5-36). Russell Sage Foundation.
- Landis, J.R., Koch, G.G. (1977). The Measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics*, 33(1), 159-174. <https://doi.org/10.2307/2529310>
- Lazarus, R. S., & Folkman, S., (1984). *Stress, Appraisal and Coping*. Springer

- Leone, L., & Chirumbolo, A. (2007). Conservatism as motivated avoidance of affect: need for affect scales predict conservatism measures. *Journal of Research in Personality*, 42, 755-762.
- Leone, L., & Chirumbolo, A. (2008). Conservadorismo como evitação motivada de afeto: escalas de necessidade de afeto predizem medidas de conservadorismo. *Journal of Research in Personality*, 42 (3), 755-762.
- Lucas, R. E., & Diener, E. (2009). Personality and subjective well-being. In E. Diener (Ed.), *The science of well-being: The collected works of Ed Diener* (pp. 75–102). Springer Science + Business Media.
- Luhmann, M., Hofmann, W., Eid, M., & Lucas, R. E. (2012). Subjective well-being and adaptation to life events: A meta-analysis. *Journal of personality and social psychology*, 102(3), 592-615. <https://doi.org/10.1037/a0025948>
- Lyubomirsky, S., King, L., & Diener, E. (2005). The benefits of frequent positive affect: Does happiness lead to success? *Psychological Bulletin*, 131(6), 803-855. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.131.6.803>
- Maio & Esses (2001). The need for affect: Individual differences in the motivation to approach or avoid emotions. *Journal of Personality*, 69, 583–615. <https://doi.org/10.1111/1467-6494.694156>
- Maslow, A. (1968). *Toward a psychology of being* (2^a ed.). New York: Van Nostrand.
- Maslow, A., (1962). *Introdução à psicologia do ser*. Eldorado.
- Matamá, J., Mendes, R., Pinho-Pereira, S., Nascimento, D., Campina, A., & Costa-Lobo, C. (2017). Bem-estar subjetivo: Uma revisão narrativa da literatura. *Revista de estudos e investigacion en psicologia y educacion*, 5. <https://doi.org/10.17979/reipe.2017.0.05.2664>
- Napier, J. L., & Jost, J. T. (2008). Why are conservatives happier than liberals? *Psychology Science*, 19(6), 565-572.
- Nisbet, R., (1987). *O conservadorismo*. Editorial Estampa.
- Novo, R. (2005). Bem-estar e psicologia: Conceitos e propostas de avaliação. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 20, 183-203.
- Oliveira, J. A. (2006). *Qualidade de vida e desempenho acadêmico de graduados* [Doutoramento em Educação – Faculdade de Educação: Universidade Estadual de Campinas].

- OMS. (1986). Carta de Ottawa para a promoção da saúde. Primeira conferencia internacional sobre a promoção da saúde. Acedido através de https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf
- OMS. (2002). Saúde mental: nova conceção, nova esperança. Lisboa: Ministério da Saúde. Acedido através de www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/1217.pdf
- Onraet, E., Van Hiel, A., Dhont, K., & Pattyn, S. (2013). Ameaça interna e externa em relação com atitudes de direita. *Journal of Personality*, 81 (3), 233-248. <https://doi.org/10.1111/jopy.12011>
- Osborne, J. W. (2014). *Best practices in exploratory factor analysis*. Independent Publishing.
- Padovam, V. A. R. (2005). *Antecedentes de bem-estar no trabalho: Perceções de suportes e de justiça*. [Dissertação de Mestrado] São Bernardo do Campo.
- Parducci, A. (1963). Range-frequency compromise in judgment. *Psychological Monographs: General and Applied*, 77(2), 1–50. <https://doi.org/10.1037/h0093829>
- Passareli, P. M., & Silva, J. A. D. (2007). Psicologia positiva e o estudo do bem-estar subjetivo. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 513-517. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000400010>
- Piennar, M.J., Beukes, B. I. R., & Esterhuysen, G. F. K. (2006). The relationship between conservatism and psychological well-being in adolescents. *South African Journal of Psychology*, 36(2), 391-406.
- Pratto, F., Sidanius, J., Stallworth, L. M., & Malle, B. F. (1994). Social dominance orientation: A personality variable predicting social and political attitudes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(4), 741–763. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.67.4.741>
- Ribeiro, J. L. (2005). *Introdução à psicologia da saúde*. Quarteto.
- Roscoe, D. D., & Christiansen, N. D. (2010). Exploring the attitudinal structure of partisanship. *Journal of Applied Social Psychology*, 40(9), 2232-2266. <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.2010.00657.x>
- Rossi, V. A., Martins, M. D. C. F., Tashima-Cid, D. P., & Dias, M. (2020). Reflexões sobre bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. *Revista Organizações em Contexto*, 16(31), 151-175. <https://doi.org/10.15603/1982-8756/roc.v16n31p151-175>

- Rubin, M., & Hewstone, M. (2004). Identidade social, justificativa do sistema e dominância social. *Psicologia Política*, 25(6), 823–844.
- Ryff, C. D. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(6), 1069-1081. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.57.6.1069>
- Ryff, C. D., & Singer, B. (1998). The contours of positive human health. *Psychological inquiry*, 9(1), 1-28. https://doi.org/10.1207/s15327965pli0901_1
- Ryff, C.D. (2008). Desafios e oportunidades na interface do envelhecimento, personalidade e bem-estar.
- Ryff, C.D., (2014). Bem-estar psicológico revisitado: Avanços na ciência e na prática da eudaimonia. *Psicoterapia e psicossomática*, 83 (1), 10-28.
- Ryff, CD, & Keyes, CLM (1995). A estrutura do bem-estar psicológico revisitada. *Jornal de personalidade e psicologia social*, 69 (4), 719.
- Samantha, J., Caitlin, M., B., & Plaks J., E. (2014). Conservatives anticipate and experience stronger emotional reactions to negative outcomes. *Journal Of Personality*, 82(1). <https://doi.org/10.1111/jopy.12031>
- Sanford, RN, Adorno, TW, Frenkel-Brunswik, E., & Levinson, DJ (1950). A medição de tendências antidemocráticas implícitas. *A personalidade autoritária*, 222-279.
- Santana, V. S., & Gondim, S. M. G. (2016). Regulação emocional, bem-estar psicológico e bem-estar subjetivo. *Estudos de Psicologia*, 21(1), 58-68. <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20160007>
- Sara, F., Costa P. & Moreira P. (2020). *Escala de conservadorismo social e económico*. Centro de Investigação Para o Desenvolvimento [Universidade lusíada do Porto].
- Schaffer, B. S., & Riordan, C. M. (2003). A review of cross-cultural methodologies for organizational research: A best-practices approach. *Organizational research methods*, 6(2), 169-215. <https://doi.org/10.1177/1094428103251542>
- Schwarz, N. & Strack, F. (1999). Reports of Subjective Well-Being: Judgmental Processes and Their Methodological. *Well-Being: The Foundations of Hedonic Psychology* (pp 434-450). New York.
- Scheier, M. F., & Carver, C. S. (1985). Optimism, coping and health: Assessment and implications of generalized outcome expectancies. *Health psychology*, 4, 219-247. <https://doi.org/10.1037/0278-6133.4.3.219>

- Schusterova, N. (2007). Relationship of values, goals, and subjective well-being. *Ceskoslovenska Psychologie*, 51(1), 48-57.
- Seligman, M. E., & Csikszentmihalyi, M. (2014). *Positive psychology: An introduction*. Dordrecht.
- Seligman, M. E., Steen, T. A., Park, N., & Peterson, C. (2005). Positive psychology progress: Empirical validation of interventions. *American psychologist*, 60(5), 410. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.60.5.410>
- Seligman, M.E., & Csikszentmihalyi, M. (2000). Psicologia positiva: Uma introdução. *Associação Americana de Psicologia*, 55(1), 5.
- Sidanius, J., & Pratto, F. (2001). *Social dominance: An intergroup theory of social hierarchy and oppression*. Cambridge University Press.
- Sidanius, J., & Pratto, F. (2004). *Social dominance theory: A new synthesis*. Psychology Press.
- Silva, E. C., & Heleno, M. G. V. (2012). Qualidade de vida e bem-estar subjetivo de estudantes universitários. *Revista Psicologia e Saúde*, 4(1), 69-76. <https://doi.org/10.20435/pssa.v4i1.126>
- Silveira, J. M. M. S. (2017). A onda conservadora: Ensaio sobre os atuais tempos sombrios no Brasil. *Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea*, 15(39), 271-275. <https://doi.org/10.12957/rep.2017.30390>
- Simões, A., Ferreira, J. A. G. A., Lima, M., Pinheiro, M. R. M. M., Vieira, C., Matos, A., & Oliveira, A. (2000). O bem-estar subjetivo: Estado atual dos conhecimentos. *Psicologia, Educação e Cultura*, 4(2), 243-279.
- Simon, R. (1989) - *Psicologia Clínica Preventiva. Novos Fundamentos*. São Paulo: EPU
- Siqueira, M, & Padovam, V. A. R. (2008). Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 24(2), 201-209. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000200010>
- Sirgy, M. J. (2002). *The psychology of quality of life: hedonic well-being, life satisfaction, and eudaimonia*. Springer.
- Steel, P., Schmidt, J. & Shultz, J. (2008). Refining the relationship between personality and subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 134(1), 138-161. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.134.1.138>
- Steiger, RL, Reyna, C., Wetherell, G., & Iverson, G. (2019). Contempt of congress: do liberals and conservatives harbor equivalent negative emotional biases towards ideologically congruent vs. incongruent politicians at the level of individual

- emotions?. *Journal of Social and Political Psychology*, 7(1), 100-123.
<https://doi.org/10.5964/jspp.v7i1.822>
- Steiner, R. (2003). *A arte na educação-II: Metodologia e didática no ensino Waldorf*. Antroposófica.
- Stone, W. F. (1980). The myth of left-wing authoritarianism. *Political Psychology*, 2(3), 3–19. <https://doi.org/10.2307/3790998>
- Streiner, D. L. (2003). Being inconsistent about consistency: When coefficient alpha does and doesn't matter. *Journal of personality assessment*, 80(3), 217-222.
https://doi.org/10.1207/S15327752JPA8003_01
- Thompson, B. (2007). Tamanhos de efeito, intervalos de confiança e intervalos de confiança para tamanhos de efeito. *Psychology in the Schools*, 44(5), 423-432.
<https://doi.org/10.1002/pits.20234>
- Tomkins, S., S. (1995). *Exploring affect: The selected writings of Silvan S. Tomkins*. New York.
- Tonet, I. M. (2016), *Religiosidade e Emancipação Humana*. 1 ed. Maceió: Coletivo Veredas.
- Tritt, S. M., Peterson, J. B., Page-Gould, E., & Inzlicht, M. (2016). Ideological reactivity: Political conservatism and brain responsivity to emotional and neutral stimuli. *Emotion*, 16(8), 1172–1185. <https://doi.org/10.1037/emo0000150>
- Van, H., A., & Brebels, L. (2011). Conservatism is good for you: Cultural conservatism protects self-esteem in older adults. *Personality and Individual Differences*, 50(1), 120–123. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2010.09.002>
- Vermunt, R., Spaans, E., Zorge, F. (1999). Satisfaction, happiness and well-being of dutch students. *Social Indicators Research*, 21, 1-33.
<https://doi.org/10.1007/BF00302402>
- Warr, P. B., Barter, J., & Brownbridge, G. (1983). On the independence of positive and negative affect. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44(3), 644–651.
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.44.3.644>
- Watson, D. (2005). *Positive affectivity: The disposition to experience pleasurable emotional states*. Oxford University Press.
- Watson, D., & Clark, L. A. (1997). Extraversion and its positive emotional core. *Handbook of Personality Psychology*, 767-793. <https://doi.org/10.1016/B978-012134645-4/50030-5>

- Watson, D., & Naragon, K. (2009). 19 Afetividade positiva: Disposição para vivenciar estados emocionais positivos. *O manual Oxford de psicologia positiva*, 207-215.
- Watson, D., Clark, L. A., & Tellegen, A. (1988). Desenvolvimento e validação de medidas breves de afeto positivo e negativo: As escalas PANAS. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54 (6), 1063–1070. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.54.6.1063>
- Webster, D., & Kruglanski, A., W. (1994). Individual differences in need for cognitive closure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(6), 1049-1062. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.67.6.1049>
- Wilson, G. D., & Patterson, J. R. (1968). A New Measure of Conservatism. *British Journal of Social and Clinical Psychology*, 7(4), 264–269. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8260.1968.tb00568.x>
- Wojcik, S. P., Hovasapian, A., Graham, J., Motil, M. & Idem, P., H. (2015). Conservatives report, but liberals display, greater happiness. *Political Psychology*, 347(6227), 1243-1246. <https://doi.org/10.1126/science.1260817>
- Woyciekoski, C., Natividade, J. C., & Hutz, C. S. (2014). As contribuições da personalidade e dos eventos de vida para o bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(4), 401-409.
- Woyciekoski, C., Stenert, F., & Hutz, C. S. (2012). Determinantes do bem-estar subjetivo. *Psico*, 43(3), 280-288.
- Zakrisson, I. (2005). Construction of a short version of the right-wing authoritarianism (rwa) scale. *Personality and Individual Differences*, 39(5), 863-872. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2005.02.026>
- Zanon, C., Bastianello, M. R., Pacico, J. C., & Hutz, C. S. (2013). Desenvolvimento e validação de uma escala de afetos positivos e negativos. *Psico-USF*, 18(2), 193-201. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712013000200003>
- Zell E., & Bernstein, M. J. (2013). You may think you're right ... young adults are more liberal than they realize. *Social Psychological and Personality Science*, 5(3), 326-333. <https://doi.org/10.1177/1948550613492825>
- Zevon, MA, & Tellegen, A. (1982). A estrutura da mudança de humor: Uma análise idiográfica/nomotética. *Jornal de personalidade e psicologia social*, 43(1), 111.

Zhang, J. P., Yao, S. Q., Ye, M., Huang, H. S., He, G. P., & Leng, X. H. (2009). A study on the subjective well-being and its influential factors in chronically ill inpatients in changsha, china. *Applied Nursing Research*, 22(4), 250-257. <https://doi.org/10.1016/j.apnr.2008.02.005>